

FACULDADES EST

ERIVELTON SCHWANTZ DEMARI

PALAVRA DE DEUS, CURA E SALVAÇÃO A PARTIR DE MATEUS 7.13-23

São Leopoldo – RS
2017

ERIVELTON SCHWANTZ DEMARI

PALAVRA DE DEUS, CURA E SALVAÇÃO A PARTIR DE MATEUS 7.13-23

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de Concentração: Teologia Bíblica
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo – RS
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232p Demari, Erivelton Schwantz
Palavra de Deus, cura e salvação a partir de Mateus
7.13-23 / Erivelton Schwantz Demari; orientador Verner
Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
74 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Pessoas com deficiência. 2. Salvação (Teologia). 3.
Bíblia – Mateus -- Crítica, interpretação, etc.. I. Hoefelmann,
Verner. II. Título.

ERIVELTON SCHWANTZ DEMARI

**PALAVRA DE DEUS, CURA E SALVAÇÃO A PARTIR DE MATEUS 7.13-
23**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de Concentração: Teologia Bíblica
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Data:

Verner Hoefelmann

Flávio Schmitt

São Leopoldo – RS
2017

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada busca apontar um caminho de interpretação acerca da salvação em Mateus 7.13-23, no qual aborda-se a entrada ao céu independentemente das condições de existência pelas quais os indivíduos estejam passando. A abordagem do tema é apresentada em três etapas. Na primeira etapa, busca-se considerar os aspectos teológicos em seu conteúdo e significado. A análise exegética permite sondar algumas particularidades semânticas e contextuais relacionadas ao tema em questão. Na segunda parte, é objeto de atenção os fatores e os efeitos da salvação desde as bem-aventuranças até o texto supra indicado. Neste aspecto, é também considerada a interpretação dos discursos bíblicos a respeito da liberdade e da prática da salvação desde a tradição evangélico-luterana e de parte do contexto pentecostal, bem como a consideração do tema da salvação em seus aspectos sócio-religiosos. Na última etapa, é realizada uma análise da salvação presente no texto de Mateus 7.13-14;15-23 vinculando-a ao processo biográfico de uma pessoa com deficiência (PCD), entrelaçando a experiência cotidiana à experiência da salvação como exercício de atualização teológica.

Palavras-chave: Salvação. Pessoa com Deficiência - PCD. Liberdade Cristã.

ABSTRACT

The research presented here seeks to point out a path of interpretation about salvation in Matthew 7:13-23, which deals with entering heaven independent of the conditions of existence through which the individuals are going through. The theme is dealt with in three stages. In the first stage one seeks to consider the theological aspects in their content and meaning. The exegetical analysis permits penetrating some semantic and contextual particularities related to the theme at hand. In the second part the factors and effects of salvation from the beatitudes up to the text indicated above are the object of attention. In this aspect, the interpretation of the biblical discourses about freedom and the practice of salvation is considered from the perspective of the Evangelical Lutheran tradition and from the Pentecostal context. Also taken into consideration is the theme of salvation in its social-religious aspects. In the last stage, an analysis of the salvation present in the text of Matthew 7:13-14; 15-23 is carried out tying it to the biographic process of a person with disability, (PCD), intertwining the daily experience with the experience of salvation as an exercise of theological updating.

Keywords: Salvation. Person with Disability - PCD. Christian Freedom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EXEGESE DE Mt 7.13-23	13
1.1 Texto grego	13
1.2 Crítica textual	14
1.3 Comparação de tradução	18
1.4 Forma	21
1.4.1 <i>Delimitação da Perícope</i>	21
1.4.2 <i>Gênero literário</i>	22
1.4.3 <i>Estrutura</i>	22
1.4.3.1 Mt 7.13-14	22
1.4.3.2 Mt 7.15-23	22
1.5 Lugar	23
1.5.1 <i>Autoria</i>	23
1.5.2 <i>Lugar e data de composição</i>	25
1.5.3 <i>Destinatários</i>	27
1.5.4 <i>Propósito</i>	27
1.6 Palavra	28
1.6.1 <i>Comentário</i>	28
1.6.1.1 Mateus 7.13-14.....	28
1.6.1.2 Mateus 7.15-23.....	31
1.6.2 <i>Nova tradução</i>	39
1.6.3 <i>Temas teológicos</i>	39
1.6.4 <i>Atualizando o texto</i>	40
2 SALVAÇÃO NA TRADIÇÃO LUTERANA	43
2.1 <i>Salvação com liberdade e verdade</i>	43
2.2 <i>O Mistério da liberdade</i>	46
2.3 <i>Salvação no Contexto Pentecostal</i>	48
2.4 <i>Relação entre igrejas tradicionais e pentecostais</i>	52
3 A EXPERIÊNCIA DE VIDA COMO ATUALIZAÇÃO TEOLÓGICA	55
3.1 <i>Salvação em Mateus 7.13-14 e 15-23</i>	55
3.2 <i>História pessoal na Palavra de Deus e Salvação aos deficientes</i>	57
3.3 <i>Diakonia</i>	62
3.4 <i>Palavra de Deus e Salvação através da Diaconia</i>	64
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar o tema da salvação a partir de Mateus 7.13-23 sob o pano de fundo do Sermão do Monte. Sob uma perspectiva hermenêutica, a aceitação incondicional do ser humano por Deus, por graça e mediante a fé, nos leva a interpretar o texto em vista da necessidade de acolher pessoas independentemente da sua condição física ou da situação na qual elas estão vivendo.

Não se pode falar de salvação sem falar de liberdade. Independentemente de quem recebe a boa notícia de salvação, a sua consequência é a paz, tranquilidade, esperança e a certeza de que não estamos sozinhos. Em liberdade anunciamos as promessas que sempre se renovam.

Salvação é um mistério da liberdade. Somos livres para aceitar ou recusar tanto a promessa de salvação quanto a liberdade de viver aqui pedacinhos dela. Na compreensão das igrejas tradicionais, em geral, a salvação e a liberdade independem de nós. É Deus quem, em sua graça, a oferece e oportuniza a cada um de nós. Deus tem autonomia e soberania para fazer acontecer o que é promessa a cada um na sua individualidade.

Falaremos sobre o tema igualmente a partir de nossa história pessoal com a deficiência física. Experimentamos aqui que é preciso vencer preconceitos e barreiras criados em nome da fé. A fé é fundamental para nos manter na caminhada, mesmo que com passadas irregulares ou desequilibradas.

Na ação diaconal queremos encontrar um porto seguro, um cais ou ancoradouro. Nenhuma caminhada acontece ou permanece a vida toda. Sempre precisaremos de momentos de pausa, recarregar as energias para, em acordo com o Evangelho, sonharmos com mais algumas passadas desta caminhada.

Todos os que creem em Jesus Cristo sonham e aguardam por Salvação. A salvação começa a ser fundamentada, desenhada, anunciada e vivida aqui. Vivemos neste pedacinho de Céu, que é a nossa existência, recebida de Deus, para cuidar dela com amor. Na palavra, buscaremos o conteúdo que encaminha ao céu. Talvez não estejamos preparados para viver o céu anunciado e estampado nas palavras bíblicas.

Quem entrará no céu? Como entraremos no céu? Quem pode impedir uma pessoa de entrar no céu?

Comumente se pensa que a própria pessoa que se torna responsável por si mesma, suas decisões e preferências. Ela se torna responsável por entrar, fazer parte ou não do reino dos céus. Empoderados, tiramos de Deus o que é tarefa e direito Dele em levar ou acolher a quem Ele quiser.

Com um olhar mais dinâmico e mais próximo das necessidades de cada pessoa, pretendemos levantar na perspectiva diaconal a questão do céu, que representa para tantos esquecidos em suas dores e fragilidades a possibilidade de salvação.

Com o intuito de oferecer o reino do céu a tantos, precisamos abraçar as potencialidades específicas e, nestas, aperfeiçoar os santos (Ef4.11-12). Colocá-los dispostos a ser céu a tantos desprovidos de entendimento deste Céu que começa a ser desenhado e descrito aqui.

1 EXEGESE DE Mt 7.13-23

1.1 Texto grego e tradução

Didaticamente, recomendo colocar o texto grego e a tradução em duas colunas paralelas

13 Eisei gate dia thj stenhj pulhj\ oti plateia h pulh kai eurucwroj h odoj h apagousa eij thn apwleian kai polloi, eisin oi eisercomenoi di\ authj\ 14 ti, stenh. h pulh kai teqlimneh h odoj h apagousa eij thn zwnh kai oligoi eisin oi euriskontej authn\

15 Proseçete apo twh yeudoprofhtwh(oi tinei ercontai proj umaj en endumasin probatwn(eswqen de, eisin lukoi apagej\ 16 apo twh karpwh autwh epignwsesqe autouj\ mhti sullegousin apo akanqwh stafulaj h apo tribolwn suka\ 17 outwj pah dendron agaqon karpouj kalouj poiei(to de sapron dendron karpouj ponhrouj poiei\ 18 ouw dunatai dendron agaqon karpouj ponhrouj poieih oude dendron sapron karpouj kalouj poieih\ 19 pah dendron mh poiouh karpon kalon ekkoptetai kai eij pul balletai\ 20 ara ge apo twh karpwh autwh epignwsesqe autouj\

21 Ouw paj oi legwn moi\ kurie kurie(eiseleusetai eij thn basileian twh ouranwh(all oi poiwh to qelhma tou patroj mou tou en toij ouranoij\ 22 polloi erousin moi en ekeinjh th\ hmera\ kurie kurie(ouw tw\ sw\ onomati eprofhteusamen(kai tw\ sw\ onomati daimonia exebalomen(kai tw\ sw\ onomati dunameij pollaj epoihsamen\ 23 kai tote omologhsw autoij oti oudepote egnwn umaj\ *apocwreite apl emou/oi ergazomenoi thn anomian*

Tradução²

13 Entrai através da porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva para a perdição e muitos são os que entram por ela. 14 Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva para a vida e poucos são os que acham ela.

15 Acautelai-vos dos falsos profetas, os quais vêm a vós em vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. 16 Pelos frutos deles conhecereis a eles. Acaso se colhem de espinheiros uvas ou de abrolhos figos? 17 Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore ruim produz frutos maus. 18 Não pode árvore boa maus frutos produzir nem árvore ruim bons frutos produzir. 19 Toda árvore não produzindo fruto bom é cortada e para o fogo é jogada. 20 Assim de fato pelos seus frutos deles conhecereis a eles.

21 Não todo o que fala a mim: Senhor, senhor, entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. 22 Muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, senhor, não no teu nome profetizamos e no teu nome demônios expelimos, e no teu nome muitos milagres fizemos? 23 E

¹ NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *Novum Testamentum Graece*. 28. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. p. 18-19.

² Trata-se da tradução literal do texto grego.

então declararei a eles: Nunca conheci a vós! Afastai-vos de mim os que praticais a iniquidade.

1.2 Crítica textual³

v. 13. A conjunção οἰ i (porque) é substituída por kai. ti, (e que/como) no manuscrito minúsculo 118 (manuscrito original), e por ti, (que/como) nos códices latinos a b h l q. E também em vários manuscritos da Vulgata. As palavras ἡ πυλῆ (a porta) são omitidas nos manuscritos maiúsculo a (manuscrito original), nos códices latinos a b c h k e nos pais da igreja Clemente de Alexandria, Hipólito, Orígenes (em parte) e Cipriano. O verbo εἰσιν (são) é omitido no manuscrito maiúsculo a (manuscrito original) e em Clemente de Alexandria.

As duas variantes de οἰ i (kai. ti, e ti) não alteram significativamente o sentido do texto. Elas podem ser entendidas como alteração involuntária (ou voluntária) do texto. A leitura da versão Nestle-Aland 28 é mais bem atestada pela tradição manuscrita e é a que melhor explica a origem das outras variantes. Em relação a ἡ πυλῆ (a porta), Roger Omanson comenta que é possível que

[...] não seja original, tendo sido introduzido no texto para completar o paralelismo com o v. 14. Mas a evidência externa que apoia o texto mais longo é impressionante. Provavelmente, as palavras ἡ πυλῆ , nos vs. 13-14, foram omitidas por alguns copistas que não se deram conta de que a imagem que se tem em vista é a de uma estrada que leva para um portão.⁴

A omissão de εἰσιν (são) também deve ser vista como um erro involuntário, pois não é possível justificar a sua inclusão na quase totalidade dos manuscritos de Mateus. Diante das evidências, o texto da versão Nestle-Aland 28 é o melhor atestado e deve ser visto como a leitura original para o versículo 13 de Mateus. Mesmo assim, nenhuma variante deste versículo afeta o seu significado e, conseqüentemente, a sua interpretação.

v. 14. O pronome interrogativo ti, (como) é substituído por: 1. οἰ i (porque) no manuscrito maiúsculo a (manuscrito original), no manuscrito minúsculo 700 (com uma correção) e nas versões copta saídica (em vários manuscritos), copta do Egito Médio e copta boáirica; 2. οἰ i de, (mas porque) no manuscrito maiúsculo B

³ A crítica textual é realizada a partir do aparato crítico de Nestle-Aland 28.

⁴ OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de 'O Novo Testamento Grego'*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 10.

(manuscrito original) e na versão copta saídica (em vários manuscritos); 3. *ti*, de (mas como) no manuscrito maiúsculo B (segundo corretor); 4. *kai*, (também) no manuscrito minúsculo 209. O texto da versão Nestle-Aland é apoiado pelos manuscritos maiúsculos a (primeiro corretor) C K L N W D Q, 0281 pela família dos manuscritos minúsculos 1 e 13, pelos manuscritos minúsculos 565. 579. 700. (Manuscrito original) 892. 1241. 1424. E também pelo lecionário 844, pelo Texto Majoritário, pelos manuscritos latinos antigos e a Vulgata e por todos os manuscritos da versão siríaca.

O pronome interrogativo *ti*, (como) é o que recebe a melhor atestação manuscrita. Neste versículo, *ti*, tem como transfundo a exclamação semítica *hm* (como). “No entanto, copistas, não compreendendo esse uso pouco comum, substituíram *ti*, pela conjunção *ⲗⲧⲓ* (porque/pois), que aparece no v. 13”.⁵ As quatro variantes de *ti*, portanto, devem ser vistas como alterações voluntárias. O texto de Nestle-Aland 28 representa o texto original deste versículo.

v. 15. Depois de *prosepete* (acautelai-vos) há a inclusão da conjunção *de*, (mas) nos manuscritos maiúsculos C K L W D Q 0281, na família dos manuscritos minúsculos 1 e 13, nos manuscritos minúsculos 33. 579. 700. 892. 1241., no lecionário 844, no Texto Majoritário, no códices latinos f q, nas versões siríaca heracleana, copta saídica (em vários manuscritos) e copta boáirica. O texto da versão Nestle-Aland é apoiado pelos manuscritos maiúsculos a B, pelos manuscritos minúsculos 565. 1424, pelos manuscritos latinos antigos e a Vulgata, pelas versões siríacas curetoriana e Peshita, copta saídica (em vários manuscritos) e copta do Egito Médio.

Apesar da atestação em importantes manuscritos, a conjunção *de*, deve ser vista como uma alteração voluntária, com o objetivo de conectar o versículo 15 com a perícopes anterior. O texto da versão Nestle-Aland 28, sem a conjunção *de*, é o melhor atestado e deve ser considerado o texto original deste versículo. No entanto, a variante não afeta o significado do texto e, por conseguinte a sua interpretação.

v. 16. O substantivo acusativo feminino plural *stafulaj* (uvas) é substituído pelo substantivo acusativo feminino singular *stafulhḡ* (uva) nos manuscritos maiúsculos C (manuscrito original com pequenas divergências e manuscrito com segunda correção) K L W D Q, na família dos manuscritos minúsculos 13, nos

⁵ OMANSON, 2010, p. 10.

manuscritos minúsculos 565. 579. 700. 1241. 1424., e no lecionário 844 e no Texto Majoritário. O texto da versão Nestle-Aland é apoiado pelos manuscritos maiúsculos a B 0281, pela família dos manuscritos minúsculos 1, pelo manuscrito minúsculo 892, pelos manuscritos latinos antigos e a Vulgata, pelas versões siríaca heracleana e por todos os manuscritos da versão copta.

A variante em questão consiste na alteração do acusativo feminino plural *staful aj* para o acusativo feminino singular *staful ḥḥ*. É possível que se trate de uma harmonização com Lc 6.44, portanto, uma alteração voluntária. Embora *staful ḥḥ* receba um apoio manuscrito significativo, o texto da versão Nestle-Aland 28 é o melhor atestado. Em todo caso, a variante não altera o sentido do texto e a sua interpretação.

v. 17. As palavras *kal ouj poiei/* (bons produz) têm a sua ordem alterada no manuscrito maiúsculo B (texto original) e em vários manuscritos da Vulgata.

A alteração da ordem das palavras *kal ouj poiei/* pode ser o resultado de uma alteração voluntária como involuntária. A grande maioria dos manuscritos atesta a leitura do texto da versão Nestle-Aland 28, que deve ser a original. Em todo caso, a variante não altera o sentido o texto e a sua exegese.

v. 18. O verbo *poieih* (fazer/produzir) é substituído pelo verbo *enegkeih* (infinitivo aoristo de *eisferw* trazer/produzir) em suas duas ocorrências neste versículo. A primeira substituição é atestada pelo manuscrito maiúsculo B e nos pais da igreja Orígenes (de maneiras diferentes) e Adamâncio. O texto da versão Nestle-Aland é apoiado pelos manuscritos maiúsculos a C K L Z D Q 0281, pela família dos minúsculos 1 e 13, pelos manuscritos minúsculos 33. 565. 579. 892. 1241. 1424, pelo lecionário 844, pelo Texto Majoritário, pelos manuscritos latinos antigos e a Vulgata, por todos os manuscritos da versão siríaca e pelo pai da igreja Orígenes (em parte). A segunda substituição é atestada pelo manuscrito maiúsculo a (manuscrito original) e pelo pai da igreja Orígenes (em parte). O texto da versão Nestle-Aland é apoiado pelos manuscritos maiúsculos a (primeiro corretor) B C K L W Z D Q, pela família dos minúsculos 1 e 13, pelos manuscritos minúsculos 33. 565. 579. 700. 892. 1424., pelo lecionário 844, pelo Texto Majoritário, pelos manuscritos latinos antigos e a Vulgata, por todos os manuscritos da versão siríaca e pelo pai da igreja Orígenes (em parte).

As substituições de *poieih* por *enegkeih* devem ter ocorrido com o sentido de melhorar o texto (alteração voluntária), substituindo por um sinônimo. O verbo *enegkeih* (aoristo infinitivo de *ferw*) ocorre uma única vez no NT nessa forma verbal (Lc 5.8). O texto da versão Nestle-Aland 28 é o melhor atestado.

v. 19. Depois de *pah* (toda) há a inclusão da conjunção *ouh* (pois, portanto) nos manuscritos maiúsculos C (segundo corretor) L Z, na família dos minúsculos 13, nos manuscritos minúsculos 33. 1241., em todos/majoria dos manuscritos latinos antigos, nas versões copta saídica, copta do Egito Médio e copta boárica (em vários manuscritos).

A inclusão de *ouh* certamente é uma alteração voluntária, com o propósito de concluir o versículo 18. O texto da versão Nestle-Aland 28 é o melhor atestado.

v. 21. Aqui se observa a omissão do artigo *toij* (aos) nos manuscritos maiúsculos K L W, na família dos manuscritos minúsculos 13, nos manuscritos minúsculos 565. 579. 700. 1241., no lecionário 844 e no Texto Majoritário. O texto da versão Nestle-Aland é apoiado pelos manuscritos maiúsculos a B C Z D Q 0281 (como parece), pela família dos minúsculos 1, pelos manuscritos minúsculos 33. 892. 1424. e pelo pai da igreja Dídimo de Alexandria. No final do versículo há a inclusão da frase: *autoj* (*outoj* em C² 33. 1241) *eiseleusetai eij thn basileian twh ouranwh* (este entrará no reino dos céus) nos manuscritos maiúsculos C (segundo corretor) W Q, no manuscritos minúsculos 33. 1241., nos manuscritos latinos antigos e na Vulgata, na versão siríaca curetoniana e no pai da igreja Cipriano.

A omissão de *toij* consiste numa supressão involuntária, pois o copista pode ter avançado os olhos diretamente para *ouranoi*. A omissão do artigo não altera o sentido do versículo. Além disso, a preposição *en* sem o artigo é atestada em outros textos de Mateus O texto da versão Nestle-Aland 28 é o melhor atestado. A inclusão de *autoj/outoj eiseleusetai eij thn basileian twh ouranwh* certamente é voluntária, a partir do próprio versículo, com o intenção de explicitar o destino daqueles que fazem a vontade do Pai. O texto mais curto da versão Nestle-Aland 28 é o melhor atestado.

v. 22. Depois de *daimonia* há a inclusão do adjetivo *polla*, (muitos) no manuscrito maiúsculo B (manuscrito original).

A inclusão de *polla*, certamente é voluntária, com a finalidade de tornar o versículo mais fluente e harmonizá-lo com a expressão “muitos milagres”. O

significado do texto não é afetado. O texto da versão Nestle-Aland 28 é apoiado por todos os demais manuscritos.

v. 23. Substituição de *apocwreite* (afastai-vos) por *anacwreite* (retirai-vos) no manuscrito maiúsculo Q e na família dos manuscritos minúsculos 13. Depois de *emou/* (mim) há a inclusão do adjetivo *pantej* (todos) nos manuscritos maiúsculos L Q, na família dos manuscritos minúsculos 13, manuscrito minúsculo 1424, no códice latino b e na Vulgata (edição Clementina).

É possível que na substituição de *apocwreite* por *anacwreite* se trate de uma alteração involuntária, pois as palavras são escritas quase da mesma forma. A leitura da versão Nestle-Aland 28 é a melhor atestada. A inclusão de *pantej* certamente intenta melhorar o versículo. O texto da versão Nestle-Aland é o melhor atestado.

Faça uma conclusão dessa parte: a avaliação das variantes demonstra que essa perícopes está bem preservada nos manuscritos...

1. 3 Comparação de tradução

A comparação de tradução é realizada a partir de três versões em língua portuguesa: Almeida Revista e Atualizada (ARA),⁶ Nova Versão Internacional (NVI)⁷ e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).⁸ Estas versões foram escolhidas devido aos princípios de tradução. A ARA segue o princípio da equivalência formal e a NTLH o princípio da equivalência dinâmica ou funcional. A NVI é um meio termo entre a ARA e a NTLH.

ARA	NVI	NTLH	Tradução literal
13. Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),	13. Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela.	13. Entrem pela porta estreita porque a porta larga e o caminho fácil levam para o inferno, e há muitas pessoas que andam por esse caminho.	13. Entrai por a porta estreita porque larga é a porta e espaçoso o caminho o que leva para a perdição e muitos são os que entram por ela.

⁶ BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

⁷ BÍBLIA SAGRADA. *Nova versão internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblia Internacional, 2003.

⁸ BÍBLIA. *Bíblia Sagrada nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

14. porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.	14. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.	14. A porta estreita e o caminho difícil levam para a vida, e poucas pessoas encontram esse caminho.	14. Como é estreita a porta e apertado o caminho o que leva para a vida e poucos são os que acham ela.
15. Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.	15. Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.	15. Cuidado com os falsos profetas! Eles chegam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos selvagens.	15. Acautelai-vos de os falsos profetas, os quais vêm a vós em vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes.
16. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?	16. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?	16. Vocês os conhecerão pelo que eles fazem. Os espinheiros não dão uvas, e os pés de urtiga não dão figos.	16. Por os frutos deles conhecereis a eles. Não colhem de espinheiros uvas ou de abrolhos figos?
17. Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.	17. Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.	17. Assim, toda árvore boa dá frutas boas, e a árvore que não presta dá frutas ruins.	17. Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore ruim produz frutos maus.
18. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.	18. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.	18. A árvore boa não pode dar frutas ruins, e a árvore que não presta não pode dar frutas boas.	18. Não pode árvore boa maus frutos produzir nem árvore ruim bons frutos produzir.
19. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.	19. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.	19. Toda árvore que não dá frutas boas é cortada e jogada no fogo.	19. Toda árvore não produzindo fruto bom é cortada e para o fogo é jogada.
20. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.	20. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!	20. Portanto, vocês conhecerão os falsos profetas pelas coisas que eles fazem.	20. Assim de fato por os frutos deles conhecereis a eles.
21. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no	21. Nem todo aquele que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no	21. Não é toda pessoa que me chama de "Senhor, Senhor" que	21. Não todo o que fala a mim: Senhor, senhor, entrará no

reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus	Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.	entrará no Reino do Céu, mas somente quem faz a vontade do meu Pai, que está no céu.	reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que em os céus.
22. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?	22. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?”	22. Quando aquele dia chegar, muitas pessoas vão me dizer: “Senhor, Senhor, pelo poder do seu nome anunciamos a mensagem de Deus e pelo seu nome expulsamos demônios e fizemos muitos milagres!”	22. Muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, senhor, não no teu nome profetizamos e no teu nome demônios expelimos, e no teu nome muitos milagres fizemos?
23. Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.	23. Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!	23. Então eu direi claramente a essas pessoas: “Eu nunca conheci vocês! Afastem-se de mim, vocês que só fazem o mal!”	23. E então declararei a eles: Nunca conheci a vós! Afastai-vos de mim os que praticais a iniquidade.

- **v. 13.** A NTLH traduz *apw|eia* como “inferno”, enquanto as versões mais literais, como “perdição”. A NTLH interpreta o pronome *authj* como se referindo ao caminho, mas gramaticalmente pode fazer alusão à porta ou ao caminho. As traduções mais literais preservam a ambiguidade.
- **v. 14.** A NTLH interpreta novamente o pronome *authn* como fazendo alusão ao caminho, enquanto as traduções mais literais mantêm a ambiguidade.
- **v. 20.** A NTLH traduz *karpw|h autw|h* como as “coisas que eles fazem” e o pronome *autouj* como os “falsos profetas”.
- **v.21.** A NTLH transforma em singular a expressão “reino dos céus”, “Reino do Céu”.
- **v.22.** A NTLH traduz a primeira ocorrência de *tw| sw| onomati* como “pelo poder do seu nome” e o verbo *eprofhteusamen* como “anunciamos a mensagem de Deus”.

- **v.23.** A NVI e a NTLH traduzem *anomia* como “mal”.

Ao compararmos a tradução literal com as versões em português, percebe-se que as traduções preservam muito bem o sentido do texto. Nenhuma delas apresenta problemas significativos de tradução.

1.4 Forma

1.4.1 Delimitação da Perícope

O trecho de Mateus 7.13-23 é delimitado em edições da Bíblia de duas maneiras diferentes:

1. Duas perícopes: 7.13-14 e 7.15-23.
2. Três perícopes: 7.13-14, 7.15-20 e 7.21-23.

Há concordância entre os estudiosos de que 7.13-14 é uma perícope: a perícope anterior, 7.12, comumente chamada de a “regra de ouro”, é um sumário para o ensino de Jesus Mt 7.13-14 introduz um novo assunto: as duas portas (e os caminhos); a perícope posterior apresenta o tema dos falsos profetas (7.15), mudando o argumento. Não há dúvidas de que Mt 7.13-14 forme um todo lógico e orgânico.

Em relação a Mt 7.15-23 os estudiosos estão divididos: alguns pensam que se trata de uma única perícope, enquanto outros acreditam que são duas perícopes: 7.15-20 e 7.21-23. É possível argumentar a favor da afinidade dos versículos 15-23 ou destacar mais fortemente as suas diferenças. O texto da versão Nestle-Aland 28 desdobra os versículos 15-23 em duas perícopes (7.15-20 e 7.21-23.). Contudo, parece-nos melhor entender os versículos 15-23 como uma única perícope.

Sendo assim, o tema dos falsos profetas, introduzido em 7.15, é analisado sob duas perspectivas. Em 7.16-20 o foco são as obras dos falsos profetas (“frutos”) e em 7.21-23 menciona-se as palavras ou reivindicações dos falsos profetas (“Muitos dirão a mim...”). O assunto do juízo, que aparecerá em 7.19, é retomado e ampliado na conclusão da perícope (7.23). Os falsos profetas de 7.15, portanto, são identificados como os que “profetizam” no versículo 22.

Em Mt 7.24 inicia-se uma nova perícope, comumente denominada de “os dois fundamentos”. Observa-se que há uma mudança de assunto em relação à perícope anterior: a prática das palavras de Jesus é reforçada através de uma metáfora. A perícope de Mt 7.24-27 é a conclusão do sermão da montanha (Mt 5-7).

A partir dos argumentos apresentados, acreditamos que se trate de duas perícopes: Mt 7.13-14 e 7.15-23. Deste modo, o final do sermão da montanha apresenta a seguinte estrutura:

- 7.12 – A “regra de ouro”, a lei e os profetas.
- 7.13-14 – Os “dois caminhos”.
- 7.15-23 – Os falsos profetas.
- 7.24-27 – Os “dois fundamentos”.
- 7.28-8.1 – As multidões e a montanha.

1.4.2 Gênero literário

As duas perícopes, 7.13-14 e 7.15-23, se enquadram no gênero da “exortação” ou “advertência”. Os verbos no imperativo que iniciam as perícopes evidenciam a natureza exortativa: *εισελqate* (“entrai”) e *prosecete* (“acautelai-vos”). Em 7.13-14 encontramos o subgênero da metáfora (“porta estreita”, etc.). Em 7.15-23 encontramos os subgêneros da imagem (“árvore”, “fruto” etc.) e dito da ameaça (7.21).

1.4.3 Estrutura

1.4.3.1 Mt 7.13-14

Os dois caminhos

- 1.1 Exortação (13a)
- 1.2 A porta larga e o caminho espaçoso (13b-c)
- 1.3 A porta estreita e o caminho apertado (14)

1.4.3.2 Mt 7.15-23

Os falsos profetas

- 1.1. Exortação (15a)
- 1.2 Os frutos e os falsos profetas (15b-20)
- 1.3 As palavras no dia do julgamento (21-23)

1.5 Lugar

1.5.1 Autoria

Os evangelhos são formalmente anônimos quando comparados, por exemplo, com as epístolas de Paulo, que nas primeiras linhas identificam o autor (ou autores) e os destinatários. Não há nada de semelhante a isto nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. No entanto, também não há provas de que os evangelhos começaram a circular sem uma designação apropriada, como *segundo Mateus* ou alguma designação parecida.⁹

A tradição primitiva, principiando com os sobrescritos nas primeiras páginas do evangelho, afirma que o primeiro evangelho canônico foi escrito por Mateus, também chamado de Levi, cobrador de impostos e um dos doze apóstolos de Jesus (Mt 9.9; 10.3; Mc 2.13-14). A principal evidência externa da autoria de Mateus é atribuída a Papias (c. 70-130 d.C.), bispo de Hierápolis, conforme Eusébio (*História Eclesiástica* 3.39.16):¹⁰ “Mateus ordenou as sentenças em língua hebraica, mas cada um as traduzia como melhor podia”.¹¹

O significado das palavras de Papias admite algumas variáveis. Craig Blomberg comenta algumas possibilidades:

(1) Mateus poderia ter: ou composto o material de forma mais criativa, ou operado com um editor conservador. (2) Mateus poderia ter: ou escrito aquilo que conhecemos como o seu evangelho, ou compilado uma série de declarações de Jesus que formaram o núcleo de um evangelho posteriormente definido. (3) Mateus poderia ter: ou escrito em hebraico, ou aramaico. (4) Outros depois de Mateus poderia ter: ou traduzido sua obra para o grego que temos hoje, ou discutido sua interpretação sobre a tradução que Mateus mesmo teria feito de sua obra.¹²

Para outros pesquisadores, porém, o testemunho de Papias é questionado como falacioso. Philipp Vielhauer, por exemplo, escreve: “essa nota de Papias não tem valor histórico para a origem de Mateus; mas ela é o mais antigo testemunho para o nome do autor, o qual já era natural para Pápias, e um comprovante para as

⁹ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 73.

¹⁰ BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 179.

¹¹ EUSÉBIO. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999. p. 113.

¹² BLOMBERG, 2009, p. 179.

controvérsias em torno desse livro”.¹³ Do mesmo modo Eduard Lohse: “[...] o testemunho de Pápias deve ser deixado de lado no que se refere à pergunta pelo autor [de Mateus]”.¹⁴ M. Eugene Boring apresenta os seguintes argumentos contra a autoria apostólica de Mateus:

(1) a autoria apostólica é uma reivindicação para o livro, e não uma afirmação feita pelo próprio livro, que é anônimo. Ele não faz nenhuma reivindicação de testemunho ocular, nem dá qualquer indício de que o autor estivesse presente nas cenas que ele narra. (2) O uso de Marcos e Q, e a aparente datação por volta da segunda ou terceira geração, enfraquece a alegação posterior de testemunha ocular. (3) A língua grega, em que foi composto o evangelho, era a língua nativa do autor, e apresenta características de uma habilidade linguística maior do que o grego não polido de Marcos. A LXX é sua Bíblia. (4) Os argumentos frequentemente introduzidos para apoiar a autoria de Mateus, o coletor de impostos – e.g., o fato de que os padrões numéricos da narrativa supostamente apontam para a habilidade de um cobrador de impostos – são fantasiosos e pouco convincentes.¹⁵

Os argumentos elencados por Boring não são tão persuasivos como podem parecer inicialmente.¹⁶ Concordamos com Blomberg que “[...] não há uma razão convincente para destruir o unânime testemunho da Antiguidade de que Mateus/Levi foi o autor do evangelho que lhe é atribuído”.¹⁷ Além disso, se autoria de Mateus foi uma invenção deliberada, por que justamente o nome de Mateus e não outro nome apostólico mais conhecido foi associado a este evangelho? Cabe lembrar que nenhuma obra apócrifa é atribuída a Mateus, como ocorre com Pedro, Tiago, Tomé, Bartolomeu ou André.¹⁸

No que diz respeito à autoria do evangelho de Mateus, acreditamos na seguinte assertiva: não podemos ter certeza absoluta quanto à autoria do evangelho de Mateus. Por ora, aceitamos o testemunho da igreja antiga e acolhemos a autoria deste evangelho por Mateus, um dos doze discípulos de Jesus. No entanto, concordamos que, “de modo geral, nem o seu significado nem a sua autoridade

¹³ VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2005. p. 293.

¹⁴ LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 151. Cf. KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulinas, 1982. p. 146-148.

¹⁵ BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015. v. 2, p. 965.

¹⁶ E.g., CARSON, 1997, 79-83.

¹⁷ BLOMBERG, 2009, p. 181.

¹⁸ BLOMBERG, 2009, p. 181-182.

apostólica sofrem muita mudança caso alguém decida que o autor não foi um apóstolo”.¹⁹

Para concluirmos este tópico, é necessário falarmos brevemente da teoria das duas fontes e a autoria do evangelho de Mateus. A teoria das duas fontes afirma que Mateus usou o evangelho de Marcos como uma das suas fontes para o seu evangelho. Neste caso, surge então a seguinte questão: como explicar que um discípulo direto de Jesus (Mateus) teria utilizado como fonte um evangelho escrito por alguém (Marcos) que não era discípulo direto de Jesus? Essa questão pode ser respondida levando-se duas questões em consideração.

Em primeiro lugar, ela é construída sob uma premissa defeituosa. William Hendriksen apresenta o seguinte silogismo sobre essa questão:

a. O apóstolo Mateus, testemunha ocular dos feitos de Cristo e testemunha auricular de suas palavras, escreveu o Evangelho que traz o seu nome. b. Uma testemunha tão pessoal, ao escrever um evangelho, não sentiria qualquer necessidade de recorrer a – ou usar – um evangelho escrito por um homem cuja relação com Cristo não era, de longe, tão estreita. c. Portanto, Mateus não usou Marcos.²⁰

A conclusão deste silogismo é falsa porque a *premissa b* é defeituosa. Certamente quando o evangelho de Marcos chegou às mãos de Mateus ele deve ter ficado fascinado, assim como todos que tiveram acesso ao evangelho de Marcos. O fato de Marcos não ter sido testemunha ocular certamente não impediria Mateus de usá-lo como fonte para o seu evangelho. Além do mais, o que era decisivo não era a autoria de Marcos, mas o seu conteúdo.

Em segundo lugar, a tradição primitiva afirma que por trás do evangelho de Marcos encontra-se o testemunho de Pedro. Se aceitarmos isto como verdadeiro, o evangelho de Marcos encontra-se sob a autoridade petrina. A conclusão parece clara: não há razão alguma para que Mateus não tivesse feito uso de Marcos na composição do seu evangelho.

1.5.2 Lugar e data de composição

Em relação ao lugar de origem e a data de composição do evangelho de Mateus, também estamos em solo instável. Diversos locais de origem foram

¹⁹ CARSON, 1997, p. 83.

²⁰ HENDRIKSEN, William. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 1, p. 70.

propostos: Palestina (Galileia, Cesareia, Jerusalém), Síria (Tiro, Sidom, Antioquia), Egito (Alexandria) e Transjordânia (Pela). Na atualidade a maioria dos estudiosos prefere Antioquia, pelas seguintes razões:

1. A evidência interna do evangelho parece indicar para alguma área urbana que usava o grego como idioma, onde judeus e cristãos estavam em intensa interação. O grego era a língua predominante em Antioquia, que possivelmente tinha a maior população judaica na Síria. Além disso, “Mateus parece respirar um ar mais urbano do que Q ou Marcos. Enquanto Marcos refere-se a cidades oito vezes e aldeias sete vezes, Mateus tem vinte e seis referências a cidades e apenas quatro referências a aldeias”.²¹
2. Pedro é predominante em Mateus e na tradição de Antioquia. Conforme a tradição antioquena, Pedro foi o primeiro bispo de Antioquia.
3. Como Tiago não desempenha nenhum papel em Mateus, Jerusalém parece estar fora de questão.
4. Mateus menciona a Síria (4.24), talvez com o propósito de indicar sua própria igreja e inseri-la na história da salvação.²²
5. A nomeação de Jesus como Nazareno (2.23) parece indicar a Síria, local no qual os cristãos eram conhecidos com “Nazarenos”.
6. A proximidade de Mateus com Inácio, a *Didaquê* e o *Evangelho dos Nazarenos*, todos relacionados à Antioquia, aponta para essa localidade como a origem de Mateus.
7. A menção de um estáter com duas drácmas (17.24-27) parece indicar Antioquia, a única localidade onde tal equivalência encontra-se documentada.
8. Situar Mateus em Antioquia se ajusta à situação narrada em Atos dos Apóstolos, segundo a qual cristãos oriundos da Palestina fundaram a igreja antioquena, que posteriormente desenvolveu uma missão aos gentios, com os conflitos subsequentes.

²¹ BORING, 2015, p. 969.

²² À parte dessa referência à Síria, nos evangelhos encontramos somente outra alusão a essa região, em Lucas 2.2, em conexão ao governador Quirino.

9. O uso de Q por Mateus parece indicar novamente a Síria, local de influência da comunidade Q.²³

A data de composição de Mateus depende de vários fatores.²⁴ Como aceitamos a teoria das duas fontes, Mateus foi escrito depois de Marcos, que é comumente datado em torno de 70 d.C.²⁵ A utilização de Mateus pela *Didaquê* e Inácio, em aproximadamente 100 e 110 d.C., indica que Mateus é anterior ao ano 100 d.C. Por isso, o consenso contemporâneo é que Mateus foi escrito entre 80 e 100 d.C., “para o qual 90 d.C. pode servir como boa figura simbólica”.²⁶

1.5.3 Destinatários

“A pressuposição usual é de que o evangelista escreveu esse evangelho para atender as necessidades de crentes de sua própria região”.²⁷ Isso significa que Mateus escreveu seu evangelho para a comunidade de Antioquia, se estivermos certos quanto à procedência do evangelho. Parece que a maioria dos estudiosos reconhece que se tratava de uma comunidade judaico-cristã “ou prestes a romper de modo substancial com o judaísmo como um todo ou exatamente se recuperando disso”.²⁸

Para Raymond Brown, “a interpretação mais plausível é a de que o evangelho de Mateus foi endereçado a uma Igreja, no início fortemente judaico-cristã, cuja composição se tornou progressivamente gentia”.²⁹ Parece que isto é o que o melhor se pode afirmar sobre os destinatários de Mateus, conquanto o que é asseverado além disso permanece no campo da conjectura a partir dos dados do próprio evangelho de Mateus e da história do cristianismo primitivo.

1.5.4 Propósito

Mateus não apresenta nenhuma declaração direta concernente ao seu propósito ao escrever o evangelho, e todas as tentativas de identificar suas

²³ BORING, 2015, p. 969-970.

²⁴ Cf. CARSON, 1997, p. 85-90; que propõem, contrariamente à posição predominante, os anos 60 d.C. como época da redação.

²⁵ E.g., KÜMMEL, 1982, p. 116-117.

²⁶ BORING, 2015, p. 969.

²⁷ CARSON, 1997, p. 90.

²⁸ BLOMBERG, 2009, p. 1976.

²⁹ BROWN, Raymond Edward. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 312.

intenções são inferidas dos temas que ele aborda e do modo como trata determinados assuntos em comparação com os outros evangelhos.³⁰ William Hendriksen, quase que em tom de brincadeira, diz que o melhor a ser fazer para encontrar a resposta ao propósito de Mateus é “[...] ler e reler todo o livro”.³¹

Restringindo aos propósitos comumente aceitos, Mateus procura demonstrar, dentre outros temas, que:

1. Jesus é o Messias prometido, o Filho de Davi, o Filho de Deus, o Filho do Homem, o Emanuel. Ele é aquele para quem o Antigo Testamento aponta;
2. Muitos judeus, especialmente a liderança religiosa, pecaram em não reconhecer quem era Jesus;
3. O reino escatológico – messiânico – anunciado chegou através da vida, morte, ressurreição e exaltação de Jesus;
4. O reino messiânico permanece no mundo através das pessoas crentes, judeus e gentios, que se submetem a autoridade de Jesus, vencendo as tentações, suportando as perseguições, acolhendo calorosamente os ensinamentos de Jesus, demonstrando, assim, que são o verdadeiro povo de Deus e o verdadeiro testemunho do “evangelho do reino”;
5. O reino messiânico não é apenas a realização das esperanças veterotestamentárias, mas uma antecipação do reino que será consumado quando o Messias, Jesus, retornar pessoalmente à terra.³²

1.6 Palavra

1.6.1 Comentário

1.6.1.1 Mateus 7.13-14

A metáfora dos “dois caminhos” é conhecida tanto na tradição judaica (e.g., Dt 30.19; Sl 1; Jr 21.8; Eclo 21.11-14; 2 Ed 7.6-14; Testamento Asher 1.3,5; 1 QS 3.20ss) como na tradição cristã primitiva (e.g., Did. 1.1-2; Barn. 18.1).³³ Fontes greco-romanas também conhecem a metáfora (e.g., Hesíodo, *Opera et Dies* 287-292; Xenófontes, *Memorabilia Socratis* 2.21–34; Diógenes de Sinope, *Epístolas* 30;

³⁰ CARSON, 1997, p. 90.

³¹ HENDRIKSEN, 2001, p. 146.

³² CARSON, 1997, p. 91-92.

³³ EBEL, G. odoj. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 132.

Sêneca, *Epístolas a Lucilius* 8.3; 27.4; Ps.-Diógenes, frag. 30.2).³⁴ Para David Hill, o quadro dos “dois caminhos” “pode ter sido empregado originalmente como uma forma catequética judaica e depois ter sido tomado como um padrão para a instrução cristã”.³⁵

A perícopé menciona: a) duas portas e dois caminhos; b) dois tipos de transeuntes; e c) dois destinos.³⁶ Começamos analisando as duas portas e os dois caminhos. Qual é a relação entre as portas e os caminhos? Os comentaristas têm apresentado três possibilidades: 1. As portas são as entradas para os caminhos; 2. As portas encontram-se no final dos caminhos; e 3. As portas e os caminhos são sinônimos.³⁷

Das três possibilidades de relação entre as portas e os caminhos, as posições 1 e 2 parecem as mais adequadas. A primeira alternativa é defendida, por exemplo, por Hendriksen e Carson.³⁸ Essa posição parece a mais natural e segue a ordem do texto: portas-caminhos. Hendriksen diz que essa sequência “[...] faz sentido, especialmente se se tem em conta qual é provavelmente o significado pretendido: uma escolha inicial correta (conversão) seguida pela santificação; ou uma escolha inicial incorreta seguida por um endurecimento gradual”.³⁹

A segunda alternativa é advogada, por exemplo, por R. V. G. Tasker e Ulrich Luz.⁴⁰ O primeiro afirma: “[...] parece ser que cada um dos dois caminhos leva até uma porta e entra por ela — uma larga e a outra estreita; e que, uma vez havendo-se entrado por uma dessas portas, não há possibilidade de retorno”.⁴¹ Ele aponta para o Lucas 13.24, que diz: “[...] Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão”. No entanto, apesar das claras semelhanças entre Mateus e Lucas, parece-nos que as passagens não apresentam a mesma perspectiva sobre as portas e os caminhos (Lucas fala apenas

³⁴ EVANS, Craig A. *Matthew: New Cambridge Bible Commentary*. Cambridge University Press: New York, NY, 2012. p. 172.

³⁵ *It may have been employed originally as a Jewish catechetical form and have been taken over as a pattern for Christian instruction*. HILL, David. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids Eerdmans 1981. p. 150.

³⁶ HENDRIKSEN, 2001, v. 1, p. 518.

³⁷ LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo*. Salamanca: Sígueme, 1993. v. 1, p. 554-554.

³⁸ HENDRIKSEN, 2001, p. 520-521; CARSON, 2014, p. 230-231.

³⁹ HENDRIKSEN, 2001, v. 1, p. 520-521.

⁴⁰ TASKER, R. V. G. *Evangelho segundo Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1980. p. 65-66; LUZ, 1993, v. 1, p. 558.

⁴¹ TASKER, 1980, p. 65-66.

de porta estreita e não fala de porta larga ou de caminhos), de modo que, apelar para Lucas não é o melhor *caminho* para elucidar a passagem de Mateus.

Portanto, a “porta estreita” (v.13-14) conduz ao “caminho apertado” (v. 14). O termo “porta” (pu|h) podia indicar, por exemplo, o portão de uma cidade (Lc 7.12; At 9.24; 16.13).⁴² O adjetivo “estreita” (stenoj), que ocorre somente aqui (nos versículos 13 e 14) e em Lucas 13.24, se refere ao que é “estrito”, pequeno, apertado”.⁴³ A expressão “porta estreita” certamente é figurativa e indica a “[...] decisão de seguir a Cristo e enfrentar todas as consequências que essa obediência acarreta”.⁴⁴

O “caminho apertado” (teqlimnenh h`odoj) é o caminho do discipulado e da justiça (Mt 6.33). Ele é “restritivo porque é o caminho da perseguição e oposição”.⁴⁵ O verbo qlibw (“apertado”) é cognato de qliyij (“opressão, aflição, tribulação”).⁴⁶ Mateus menciona em diversas ocasiões as perseguições que sua comunidade estava sofrendo (eg., 5.10-12, 44; 10.16-23) e faz menção especial à perseguição que antecederá o *eschaton* (24.9, 21, 29).⁴⁷

A “porta larga”, por sua vez, leva ao “caminho espaçoso”. O adjetivo pl atuj (larga) significa “amplo, largo”.⁴⁸ A “porta larga” está em contraposição à “porta estreita” e parece indicar a descrença na pessoa e mensagem de Jesus. Ela conduz ao “caminho espaçoso”. O adjetivo eurucwroj (“espaçoso”) significa “largo e espaçoso”, “com a implicação de ser agradável”.⁴⁹ Por isso, essa porta parece ser muito mais atrativa e convidativa. “A velha natureza pecaminosa – tudo o que ela contém e todos os seus acessórios, pode passar facilmente por ela”.⁵⁰

As duas portas (e os dois caminhos) implicam dois tipos de transeuntes: “muitos” e “poucos”. “Muitos” (a maioria das pessoas) entram pela “porta larga” e “poucos” (o pequeno grupo de discípulos) acham a “porta estreita”. Achar a “porta estreita” retrata o discipulado como uma busca ativa pelo reino de Deus, que é o caminho oposto da complacência passiva que toma o caminho mais fácil, a “porta

⁴² GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2007. p. 182.

⁴³ RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulus, 2003. p. 426.

⁴⁴ HILL, D. pulh, pilwn. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1706.

⁴⁵ CARSON, 2014, p. 230.

⁴⁶ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 98.

⁴⁷ LUZ, 1993, v.1, p. 549.

⁴⁸ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 167.

⁴⁹ LOUW, J. P.; NIDA, Eugene A. *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 631.

⁵⁰ HENDRIKSEN, 2001, v. 1, p. 521.

larga”. A distinção entre “muitos” e “poucos” ainda ecoará na parábola das bodas: “Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos” (Mt 22.14).

Por fim, haverá dois destinos: “perdição” (αἰώνια) e “vida” (ζωή). A porta larga e o caminho espaçoso levam à “perdição”. O termo αἰώνια indica “destruição, ruína, aniquilação” e é usado frequentemente para “[...] a ruína eterna dos ímpios”.⁵¹ Por isso, a NTLH fala em “inferno”. A “porta estreita” e o “caminho apertado”, entretanto, conduzem à “vida”, a Vida no porvir, ao reino de Deus.⁵² Os dois destinos mostrar-se-ão um paradoxo, pois “o caminho fácil provará ser difícil (termina na perdição), mas o caminho difícil conduz ao gozo eterno (vida)”.⁵³

1.6.1.2 Mateus 7.15-23

Já que você trata Mt 7.13-23 como uma unidade, valeria a pena tentar definir o nexos entre os dois trechos: como os falsos profetas estão relacionados com as duas portas e dois caminhos? A perícopes começa com uma advertência sobre os falsos profetas (v. 15). O termo *yeudoprofhthj* (“falso profeta”) ocorre 11 vezes no NT, sendo 3 vezes em Mateus. “Normalmente, emprega-se para uma pessoa que faz falsas alegações quanto a ser ela mesma um profeta”.⁵⁴ Para permanecer no “caminho apertado”, os discípulos devem discernir entre os verdadeiros (cf. Mt 10.41; 23.34) e os falsos profetas (cf. Mt 24.11, 24) Conforme Carson,

Advertências contra falsos profetas baseiam-se necessariamente na convicção de que nem todos os profetas são genuínos, que a verdade pode ser violada, e que os inimigos do evangelho, em geral, escondem sua hostilidade e tentam passar-se por companheiros cristãos. À primeira vista, eles usam linguagem ortodoxa, demonstram piedade bíblica e não são distinguíveis dos verdadeiros profetas.⁵⁵

Longos debates têm sido travados na tentativa de identificar os falsos profetas deste versículo. Mas antes dessa questão é necessário saber se o versículo 15 procede de Jesus ou se é uma criação redacional de Mateus, bem como analisar o restante da passagem. Luz, por exemplo, acredita que o versículo é composição

⁵¹ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 32.

⁵² Mateus às vezes fala de “vida eterna” (19.16, 29; 25.46) e outras vezes simplesmente de “vida” (18.8-9; 19.17).

⁵³ MOUNCE, Robert H. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Mateus*. São Paulo: Vida, 1996. p. 76.

⁵⁴ BROWN, C. *yeudoprofhthj*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1883.

⁵⁵ CARSON, 2014, p. 232.

de Mateus em linguagem bíblica, argumentando que são termos mateanos *prosecw* (apo), *oštij*, *enduma* e *probaton*.⁵⁶ Do mesmo modo Franz Zeilinger: “A frase temática do versículo 15 não apresenta nenhum paralelo e presumivelmente é criação do evangelista”.⁵⁷

No entanto, “não há nada intrinsecamente improvável a respeito da noção de que Jesus advertiu contra os falsos profetas, desde que ele previu a continuação da existência de sua recém-formada comunidade por um período sustentado”.⁵⁸ O tema dos falsos profetas, comum no AT (Is 9.14; 28.7; Jr 6.13; 8.10; 23.11; Ez 13.3), aparece com frequência no NT (Mt 24.11,24; At 13.6; 2 Pe 2.1; 1 Jo 4.1; Ap 16.13; 19.20; 20.10). Na época de Jesus, havia movimentos proféticos e profetas populares,⁵⁹ de modo que a advertência de Mt 7.15 pode ter-se originado de algum dito de Jesus.

Os falsos profetas, diz Jesus, “vêm a vós em vestes de ovelhas”. O verbo *ercomai* (“vêm”) “pode sugerir pessoas de fora que entram na comunidade, mais do que ações de pessoas de dentro”.⁶⁰ Os falsos profetas se dirigem às comunidades “em vestes de ovelhas”. Aqui não se trata da roupa típica dos profetas, que podia ser de pele de ovelha, mas de uma metáfora que indica que eles parecem “pacíficos e indefesos”⁶¹, ou “se apresentam como membros da Igreja [...]”.⁶²

No entanto, os falsos profetas “por dentro são lobos ferozes”. Conforme Mounce, “todas as atividades deles são motivadas pela ambição pessoal; matarão e destruirão os outros se isso for para seu lucro egoísta”.⁶³ O adjetivo *ar̄pax* (“ferozes”) também significa “roubador”⁶⁴ e “avarento”.⁶⁵ Por isso, a ARA diz “[...] lobos roubadores”. Embora as imagens de ovelha e de rebanho sejam comuns para o

⁵⁶ LUZ, 1993, v. 1, p. 562.

⁵⁷ ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao sermão da montanha (Mt 5-7)*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 276.

⁵⁸ CARSON, 2014, p. 232.

⁵⁹ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 144-164.

⁶⁰ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo, SP: Paulus, 2002. p. 251.

⁶¹ LUZ, 1993, v. 1, p. 566.

⁶² BONNARD, Pierre. *Evangelio segun san Mateo*. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 1983. p. 164.

⁶³ MOUNCE, 1996, p. 77.

⁶⁴ BROWN, C. *arpazw*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2000. v. 1, p.162.

⁶⁵ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 34.

povo de Deus (e.g., Nm 27.17; Sl 100.3), lobo normalmente indica “[...] uma pessoa que é muito agressiva e perigosa”.⁶⁶

Mateus afirma que pelos seus frutos os falsos profetas serão conhecidos (7.16a e 20). O simbolismo muda de animais para árvores e frutos. “Frutos” indica as obras ou o modo de vida (cf. Mt 3.8,10) e remete à ideia de que práticas e comportamentos externos refletem compromissos internos.⁶⁷ Por isso, são apresentados dois exemplos retóricos, introduzidos por *mhti* (“não”) para assinalar que a resposta será negativa.⁶⁸ “Acaso se colhem de espinheiros uvas ou de abrolhos figos?” (7.16b). “A imagem é comum, ilustrando o ponto que boas ações não podem surgir de pessoas más, pois o semelhante produz o semelhante [...]”.⁶⁹

O adverbio *ouṭwj* (“assim”), no início do versículo 17, subordina o versículos 17 e 18 a 7.16. Deste modo, o princípio ilustrado no versículo 16 é ampliado positivamente (7.17) e negativamente (7.18) em cláusulas paralelas:

- 7.17: A árvore boa produz bons frutos / A árvore ruim produz frutos maus.
- 7.18: Não pode a árvore boa maus frutos produzir / Não pode a árvore ruim bons frutos produzir.

A árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo (7.19). O destino das árvores sem valor é claro: cortadas e queimadas. Esta imagem lembra as severas palavras de João Batista sobre o juízo escatológico: “já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo” (Mt 3.8-10; cf. 13.40, 42, 50, 18.8-9, 25.41). Os verbos na voz passiva indicam que é Deus, e não os discípulos, quem realiza o julgamento.⁷⁰ “A los falsos profetas los aguarda el juicio destruidor de Dios”.⁷¹

O versículo 20 repete 7.16a por duas razões. Em primeiro lugar, procura sublinhar que os falsos profetas serão conhecidos por seus frutos, observe-se a partícula *ara*, que indica, aqui, “consequência”, “resultado”. Em segundo lugar, 7.20 marca 7.15-20 com a primeira parte da perícopa.⁷² David Turner comenta que “a falsa aparência dos falsos profetas não precisa enganar os discípulos porque sua

⁶⁶ LOUW; NIDA, 2013, p. 672. Cf. CARTER, 2002, p. 251.

⁶⁷ CARTER, 2002, p. 251.

⁶⁸ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 136.

⁶⁹ CARTER, 2002, p. 252.

⁷⁰ CARTER, 2002, p. 252.

⁷¹ LUZ, 1993, v. 1, p. 567.

⁷² DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to Saint Matthew*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1988. v. 1, p. 701. p. 711.

verdadeira identidade pode ser determinada por meio do exame de seus atos ou obras [...]”.⁷³ Nas palavras da NTLH, “[...] vocês conhecerão os falsos profetas pelas coisas que eles fazem”.

Os versículos 21-23 retomam e ampliam o tema do julgamento dos falsos profetas. Conforme Turner, “Jesus agora se volta das obras dos falsos profetas para suas palavras (Lucas 6:46; 13: 25-27). As obras devem ser discernidas no presente pelos discípulos (Mateus 7:15-20), mas as palavras serão examinadas por Jesus no julgamento final [...]”.⁷⁴ Contudo, 7.21-23 não deve ser aplicado apenas aos falsos profetas, mas a toda a comunidade cristã: “no todos sus miembros entrarán en el reino de los cielos”.⁷⁵ É possível que alguns cristãos tenham se tornado falsos profetas por causa dos falsos profetas.⁷⁶

No versículo 21 Jesus afirma que: “não todo o que fala a mim: Senhor, senhor, entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus”. O duplo vocativo “Senhor, senhor” indica veemência ou súplica (cf. Mt 25.11). O vocábulo senhor (kurioj) é um título no evangelho de Mateus que somente os discípulos dirigem a Jesus.⁷⁷ Carson elucida que:

Na época de Jesus, é duvidoso que o termo “Senhor” para se referir a ele representasse mais que “mestre” ou tratamento de respeito. Mas no período pós-ressurreição, o termo tornou designação de adoração e confissão da divindade de Jesus.⁷⁸

Contudo, chamar Jesus de Senhor não garantirá a entrada dos falsos profetas ou qualquer outra pessoa no reino dos céus. Mateus está ciente que o título pode não significar nada no dia do julgamento. No entanto, a formulação “não todo o que fala a mim” “[...] deixa aberta a possibilidade de que alguém que disser isto entrará”.⁷⁹ A confissão precisa vir acompanhada de uma fé genuína. Precisa haver harmonia entre os lábios e a vida.⁸⁰

⁷³ *The false prophets' sheeplike appearance need not deceive the disciples because their true identity can be ascertained by examining their deeds or works [...].* TURNER, David. *Matthew*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008. p. 219.

⁷⁴ Jesus now turns from the works of the false prophets to their words (cf. Luke 6:46; 13:25–27). The works must be discerned in the present by the disciples (Matt. 7:15–20), but the words will be examined by Jesus at the final judgment [...]. TURNER, 2008, p. 219.

⁷⁵ LUZ, 1993, v. 1, p. 568.

⁷⁶ CARSON, 2014, p. 233.

⁷⁷ LUZ, 1993, v. 1, p. 568.

⁷⁸ CARSON, 2014, p. 234.

⁷⁹ CARTER, 2002, p. 253.

⁸⁰ HENDRIKSEN, 2001, v. 1, p. 530.

A expressão “reino dos céus” aparece apenas em Mateus, onde é citada trinta e duas vezes.⁸¹ Mateus também fala em “reino de meu Pai” (26.29), “reino de Deus” (12.28, 19.24, 19.31, 21.31,43) e ocasionalmente apenas “reino” (6.33, 16.28, 20.21, 24.14, 25.34), onde o contexto deixa claro que a referência é ao reino dos céus. Uma comparação entre os evangelhos evidencia que “reino de Deus” e “reino dos céus” são expressões intercambiáveis (por exemplo, Mc 1.15 com Mt 4.17; Lc 6.20 com Mt 5.3).⁸² Joachim Jeremias é enfático ao dizer que “as duas expressões significam a mesma coisa, pois *hoi ouranoí*, ‘os céus’, é mera circunlocução para dizer Deus”.⁸³

Como podemos definir o reino de Deus? Esta não é uma tarefa fácil, particularmente porque o próprio Jesus nunca ofereceu uma definição do reino de Deus. George Ladd apresenta quatro contextos de passagens nas quais o reino de Deus aparece. Em primeiro lugar, em algumas passagens basileia (“reino”) possui a acepção abstrata de “reino” ou “governo” (Lc 19.12,15; 23.42; Jo 18:36). Em segundo lugar, reino, em várias passagens, indica a nova ordem em que os justos entrarão no fim dos tempos. Nestas passagens, reino de Deus é intercambiável com a era vindoura (Mc 9.47, 10.23-25, 14.25; Mt 8.11 = Lc 13.28). Em terceiro lugar, diversas passagens falam do reino como algo presente entre os seres humanos. Em Mc 10.15, o reino é algo que os seres humanos devem receber; em Mt 6.33 (Lc 12.31) o reino é algo a ser buscado; em Mt 11.12 e 12.28 o reino é um poder ativo no mundo; em Lc 17.21 o reino é claramente afirmado estar presente dentro ou entre os seres humanos. Em quarto lugar, o reino é representado com o domínio ou esfera atual em que os seres humanos estão entrando agora (Mt 11.11 = Lc 16.16; Mt 21:31; 23:13).⁸⁴

Mateus 7.21 acena para a entrada no reino no futuro (“entrará”). Por isso, reino dos céus “[...] equivale aos aspectos da vida eterna a ser experimentado

⁸¹ Cf. CARAGOUNIS, C. C. Reino de Deus I: Evangelhos. In: REID, Daniel G. (org.). *Dicionário teológico do Novo Testamento: compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012. p. 1171-1172.

⁸² ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. basileia. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2035.

⁸³ JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulinas, 1977. p. 152. Cf. LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1985. p. 61.

⁸⁴ LADD, George E. *The presence of the future*. ed. rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1974. p. 123.

apenas após a segunda vinda de Cristo”,⁸⁵ na era vindoura. O contraste “não..., mas” (οὐκ... ἀλλ’) elucida aqueles que entrarão no reino dos céus: “mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus”. Carson escreve que “o fator determinante em relação a quem entra no reino é a obediência à vontade do Pai”.⁸⁶ Warren Carter diz:

[...] as palavras sem compromisso coincidentemente expressas em ações apropriadas, tais como aquelas esboçadas pelo ensino autorizado de Jesus no sermão, são inúteis. Mas as palavras acompanhadas por essas práticas apropriadas significarão vindicação no julgamento. O ponto não é que esses falsos profetas não fazem nada. Eles especificam numerosos feitos no v. 22, ações que Jesus também faz. O assunto tem que ver com o que as ações significam ou promulgam.⁸⁷

A vontade do Pai refere-se ao ensino de Jesus em todo o Sermão do Monte, e certamente na totalidade do evangelho de Mateus. “A proximidade indicada por **meu Pai** sublinha o papel de Jesus como revelador e intérprete da vontade divina no sermão, e agora como aquele que julga segundo a vontade revelada”.⁸⁸ Esta é a primeira de várias vezes que Jesus se refere a Deus como “meu Pai” (10.32–33; 11.27; 12.50; 15.13; 16.17; 18.10, 19; 20.23; 25.34; 26.29, 39, 42, 53).⁸⁹ O locativo *en toij ouranoi* (“em os céus”) indica o céu como a habitação de Deus.

Jesus prossegue dizendo: “muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, senhor, não profetizamos em teu nome e no teu nome demônios expelimos, e no teu nome muitos milagres fizemos?” (v.22). Os falsos profetas são descritos como “muitos”, o que pode estar aludindo a 7.14 (cf. Mt 24.14). A expressão “naquele dia” (*en ekeinē th̄ hmera*) evoca a tradição profética do “dia do Senhor” (Is 2.20; 10.20; Os. 1.5; Am 8.9; 9.11; Zc 1.10,15; 12:3; 13:1; 14:4; 1 En 45.3), significando o dia do julgamento. O cenário de 7.22-23 é o último dia, o dia que o Filho do Homem virá em glória com seus anjos e se assentará no seu trono para o juízo final (Mt 25.31).⁹⁰

Os falsos profetas chamam Jesus de “senhor, senhor” como em 7.21 e pronunciam que no nome de Jesus profetizaram, expeliram demônios e realizaram muitos milagres. A expressão *tw̄ sw̄ onomati* (“no teu nome”) provavelmente significa

⁸⁵ LADD, George E. *O evangelho do reino: estudos bíblicos sobre o reino*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008. p. 23.

⁸⁶ CARSON, 2014, p. 234

⁸⁷ CARTER, 2002, p. 253.

⁸⁸ CARTER, 2002, p. 254.

⁸⁹ TURNER, 2008, p. 219.

⁹⁰ DAVIES, ALLISON, 1988, p. 714-715.

“no poder do nome” ou “na autoridade do nome” de Jesus.⁹¹ O verbo *profhteuw* (“profetizar”) “inclui a previsão sobre o futuro, mas também indica o ensino público, inspirado pelo Espírito, o ensinar com autoridade especial, exercendo o dom profético”.⁹² “Expulsar demônios” (*daimonia ekebalomen*) também fora algo que Jesus realizara (Mt 9.33,34; 12.24-24) e que os discípulos deveriam fazer (Mt 10.8). “Muitos milagres” (*dunameij pollaj*) indica “atos poderosos”⁹³, que podem estar incluindo a expulsão de demônios, curas e outros sinais miraculosos.

Em nenhum momento Jesus diz que as declarações dos falsos profetas são falsas ou mentirosas: elas são genuínas. Isto significa que a profecia e os milagres não devem ser rejeitados *a priori*. Alguns estudiosos argumentam que Mateus estava se opondo a toda ação “carismática”, mas para ele, na verdade, os milagres são parte integrante da pregação (10.7-8; 11.20-24; 17.19-20).⁹⁴ Os falsos profetas não são rejeitados devido aos milagres, mas como afirma o versículo 21, por não fazerem a vontade do Pai.

A vontade do Pai é um tema importante para o evangelho de Mateus e aponta para o ensino de Jesus presente no evangelho de Mateus. No final do evangelho (28.18-20) encontramos a ordem de Jesus para que os seus seguidores façam discípulos de todas as nações através do batismo e do ensino: “ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (28.20). A estrutura do evangelho de Mateus realça a importância do ensino, pois está organizado em cinco grandes discursos (5-7; 10; 13; 18; 24-25).⁹⁵

Este aspecto é enfatizado no diálogo de Jesus com o jovem rico: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (19.17b). Diversas passagens do evangelho de Mateus abordam a questão da prática correta da vontade de Deus. Por isso, Mateus prioriza a necessidade dos frutos na vida cristã (3.8-10; 7.15-20; 12.33-37; 21.33-46) e de “fazer” e “praticar” a vontade de Deus (5.19, 46-47; 7.12, 24-26; 12.33, 50; 17.12; 19.16; 23.3, 5; 24.46; 25.40, 45).⁹⁶

⁹¹ LUZ, 1993, p. 569, ALLISON, v. 1, p. 716.

⁹² CHAMPLIN, Russell Norman. Mateus. In. CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995. v. 1, p. 336.

⁹³ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 60.

⁹⁴ LUZ, 1993, p. 569. Cf. SALDARINI, Anthony J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 176-181.

⁹⁵ LUZ, 1993, p. 569

⁹⁶ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: Paulus, 2005. p. 134.

Por conseguinte: “E então declararei a eles: Nunca conheci a vós! Afastai-vos de mim os que praticais a iniquidade” (v. 23). O verbo *omologeōw* (“declarar”) é usado por Mateus por causa de sua solenidade, caráter público e sentido jurídico (com a indicação de irreversibilidade).⁹⁷ Jesus declara que nunca conheceu os falsos profetas: “nunca conheci a vós” (*outepote egnwn umaJ*), o que contrasta com as afirmações dos falsos profetas em 7.22. Essa expressão significa: “nunca me fui pessoalmente conhecido de vós”.⁹⁸ Em outras palavras, os falsos profetas nunca foram verdadeiros discípulos de Jesus. Nas palavras de Robert Mounce, Jesus “[...] nunca os convocou, nem os considerou, em sentido algum, como pertencendo ao seu rebanho”.⁹⁹

Portanto, “afastai-vos de mim os que praticais a iniquidade” (*apocwreite apl emou/ oi ergazomenoi thn anomian*). Trata-se de uma citação com pequenas alterações de Salmo 6.8 (6.9 LXX). O destino dos falsos profetas está determinado rigorosamente: não entrarão no reino dos céus. Jazem excluídos e toda e qualquer comunhão com Jesus e os que lhe pertencem, pois eles nunca pertenceram ao rebanho de Deus.

Os falsos profetas praticam a “iniquidade” (*anomia*). Alguns estudiosos notam aqui a identidade dos falsos profetas. Turner, por exemplo, acredita que os falsos profetas tinham uma visão laxista da lei e da sua observância (*antinomistas*).¹⁰⁰ Contudo, parece melhor entendemos *anomia* como “uma referência compreensiva a tudo o que é contrário à vontade divina, incluindo o falar em falsidade e realizar ações que destroem outros”.¹⁰¹

Certamente Mateus tem em mente pessoas específicas quando fala dos falsos profetas, mas é difícil precisar mais do que isso, e a diversidade de interpretações é um indicativo dessa verdade.¹⁰² Contudo, seu ensino é deveras claro: “Ni siquiera la actividad apostólica y los milagros por la invocación del nombre de Jesús tienen significación alguna para la salvación si no van acompañados de la obediencia a la voluntad divina”.¹⁰³

⁹⁷ DAVIES, ALLISON, 1988, p. 717.

⁹⁸ ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos à luz do Novo Testamento grego*. São Paulo: CPAD, 2011. p. 93.

⁹⁹ MOUNCE, 1996, p. 78.

¹⁰⁰ TURNER, 2008, p. 220.

¹⁰¹ CARTER, 2002, p. 255.

¹⁰² Cf. DAVIES, ALLISON, 1988, p. 701.

¹⁰³ SCHMID, Josef. *El Evangelio Según San Mateo*. Barcelona: Editorial Herder, 1973. p. 222.

1.6.2 Nova tradução

Preservamos a tradução provisória por considerá-la aquedada mesmo após a exegese das perícopes. Somente alteramos as perícopes conforme a delimitação (7.13-14 e 7.15.23).

13 Entrai através da porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva para a perdição e muitos são os que entram por ela. 14 Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva para a vida e poucos são os que acham ela.

15 Acautelai-vos dos falsos profetas, os quais vêm a vós em vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. 16 Pelos frutos deles conhecereis a eles. Acaso se colhem de espinheiros uvas ou de abrolhos figos? 17 Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore ruim produz frutos maus. 18 Não pode árvore boa maus frutos produzir nem árvore ruim bons frutos produzir. 19 Toda árvore não produzindo fruto bom é cortada e para o fogo é jogada. 20 Assim de fato por os frutos deles conhecereis a eles. 21 Não todo o que fala a mim: Senhor, senhor, entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. 22 Muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, senhor, não no teu nome profetizamos e no teu nome demônios expelimos, e no teu nome muitos milagres fizemos? 23 E então declararei a eles: Nunca conheci a vós! Afastai-vos de mim os que praticais a iniquidade.

1.6.3 Síntese teológica

Nas duas perícopes analisadas percebe-se que o evangelista Mateus está preocupado com o discipulado e com a vida cristã verdadeira. Sua ênfase é exortativa: conclamar sua comunidade para os perigos que subjazem no caminho do seguimento a Jesus. Por um lado, ele alerta para a existência de duas portas que conduzem a dois diferentes caminhos e, por outro lado, fala dos falsos profetas e seus frutos.

A primeira perícopa (7.13-14) fala das portas e dos caminhos. A primeira porta é caracterizada como “estreita” e conduz ao caminho “apertado”. Esse é o caminho do discipulado e da justiça no Reino de Deus. Pode significar a oposição e a perseguição que os seguidores de Jesus enfrentarão na sua caminhada que leva para a vida. A segunda porta é descrita como “larga” e conduz ao caminho “espaçoso” e indica o caminho da descrença em Jesus, e, por fim, essa porta leva à perdição.

A segunda perícopa (7.15-23) fala dos falsos profetas que ajudam a tornar o caminho do discipulado apertado e difícil, pois os falsos profetas se apresentam como verdadeiros seguidores de Jesus, mas na verdade são falsos cristãos. Por

isso, é necessário conhecer os seus frutos, isto é, as suas obras ou modo de vida. Somente assim se perceberá que se trata de falsos profetas.

Falsos profetas e aqueles que entram pela porta espaçosa não entrarão no reino de Deus. É possível que estes apresentem sinais, como milagres, curas e profecias, mas eles não fazem a vontade de Deus, como expressa nos ensinamentos de Jesus. Portanto, seu destino será a perdição eterna. Discípulos verdadeiros seguem os mandamentos e o ensino de Jesus.

1.6.4 Atualizando o texto

Mateus apresenta a radicalidade do seguimento a Jesus através das imagens das portas e dos falsos profetas. Sua mensagem é claramente atual e relevante para os nossos dias. Vivemos tempos em que o evangelho apresentado nas grandes igrejas e nas redes televisivas encontra-se diluído em filosofias de autoajuda, teologias da prosperidade, comportamentos legalistas e busca desenfreada pelo miraculoso, apenas para mencionar algumas das questões contemporâneas que mais chamam a nossa atenção.

Esse evangelho se tornou um caminho espaçoso, pois não há seguimento ao Jesus do evangelho do Novo Testamento, mas um seguimento a seres humanos e religiosidades que contrariam os ensinamentos de Jesus. Falsos profetas falam como se fossem verdadeiros profetas. Sinais são apresentados para vindicar suas pregações. Mas em nenhum lugar se convoca para o discipulado, a renúncia, o seguir ao Jesus do evangelho.

As multidões estão no caminho espaçoso e acreditam que entrarão no reino de Deus, mas, na verdade, estão seguindo um falso evangelho e falsos profetas. O seguimento a Jesus é definido pela obediência aos mandamentos e ensinamentos de Jesus, e não a qualquer outro parâmetro que se possa estabelecer. Por isso, urge fazer a vontade do Pai e buscar a justiça revelada no evangelho de Cristo no Novo Testamento.

Perdemo-nos em nossa própria missão, tarefa de contribuir para com a missão de Deus de chegar a todas as pessoas. O Culto Cristão não é mais cristocêntrico. Todos são atraídos pelos encantos que as novas igrejas evidenciam. O chamado do Evangelho se esvaziou. Perdeu o conteúdo, resumindo-se a falar da restauração do corpo físico. Pessoas são levadas a reverenciar “ícones da fé” atual.

Hoje, pastores/as, apóstolos e bispos que se destacam na mídia ou internet, mobilizam caravanas de pessoas para se unirem num mega show. Vejo aqui a fala de Jesus (Mt 7.23): “Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”.

Não temos o direito de anunciar e fazer os milagres, as curas e expulsões de demônios que Jesus fez. Foi Deus quem fez e hoje faz. Nós apenas participamos quando de alguma forma somos chamados. Deus em sua graça e misericórdia faz tudo a quem, onde e quando Ele quer. Cabe-nos baixar a guarda e em diaconia estarmos a serviço do Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus, que em amor quer chegar a todos. O que acontece, não acontece pela formação e sabedoria que nós temos, mas porque Deus em sua graça nos acolhe onde estamos e assim como somos.

As estradas ou portas destacadas no texto querem mostrar-nos o amor de Deus pelo evangelho que se tornou um caminho espaçoso. Falta-nos, por hora, perceber a centralidade do Evangelho. A palavra quer atrair-nos pela verdade revelada em Cristo e não na pessoa que traz a mensagem. Tantas vezes ouvimos mais sobre a pessoa do que sobre o sujeito da fé, o próprio Deus. Deus continua sendo Deus independente da pessoa, lugar ou texto anunciado.

Contudo, o arrependimento continua sendo importante. Mas arrependimento não significa que a pessoa deva se dilacerar e passar a vida como penitente. Não devemos ter constantemente um sentimento ruim e nos condenar interiormente porque cometemos um erro. Sabemos que a estrada e a porta são estreitas, mas em Jesus Cristo a culpa é parte do amadurecimento. Ele nos mostra um caminho para lidarmos com nossa culpa sem perder nosso amor-próprio. As estradas e caminhos continuarão estreitos, mas o Cristo continuará como único Senhor e Salvador.

2 SALVAÇÃO NA TRADIÇÃO LUTERANA

Ao adentrar no texto escolhido para falar de céu e salvação, vamos nos deparar com situações de questionamentos e afirmações sobre estas duas verdades: céu e salvação.

Salvação e céu estão relacionado com a liberdade que temos e como optamos. Começa com a liberdade da pessoa de querer e esperar por céu e salvação, mas também de Deus, de salvar e libertar a quem e quando Ele propriamente decidir. salvação e céu começam com a liberdade cristã. Mas a quem a liberdade cristã alcança? Neste sentido, como estão relacionado salvação e liberdade.

2.1 Salvação com liberdade e verdade

Em abril de 1963, Martin Luther King Jr escreveu uma carta aberta da prisão municipal de Birmingham em que respondeu a críticas ao movimento pelos direitos civis, feitas por brancos moderados. Ele afirmou que não era tão mau ser chamado de “extremista”. Jesus não era um extremista pelo amor? Ou Amós um extremista pela justiça? Ou Paulo pelo Evangelho Cristão? Então King perguntou: “Martim Lutero não era um extremista: ‘Aqui estou, e não posso agir de outra forma. Que Deus me ajude’?” Essa é a primeira de duas referências a Lutero no discurso público de King.

Lutero era uma testemunha da liberdade, e até um extremista em sua causa? Ele desempenhou um papel significativo na “história do progresso da consciência da liberdade”?¹⁰⁴

Como entender o pensamento e posicionamento de Martin Lutero em seu tempo e em nossos dias? O que é relevante e fundamental para avançar na compreensão da liberdade aos cristãos a partir de Lutero? Para conhecermos a fundo o que é uma pessoa cristã e sabermos em que consiste a liberdade que Cristo adquiriu e lhe concedeu (do que Paulo tanto escreve), quero apresentar estas duas teses:

¹⁰⁴ HELMER, Christine. *Lutero, um teólogo para tempos modernos*. São Leopoldo: Ed Sinodal 2013. p. 45.

i) “Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém”.

ii) “Um cristão é um servo prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos.”

Essas duas frases encontram-se claramente em Paulo, em 1Coríntios 9 [v.19): “Sou livre em todas as coisas, contudo fiz-me servo de todos...”, e adiante em Romanos 13 [v. 8]: “A ninguém fiqueis devendo cousa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros”. O amor é, pois, prestativo e se sujeita ao objetivo que ama. Em Gálatas 4 [v.4], o mesmo é dito acerca de Cristo: “Deus enviou seu filho, nascido de mulher e sujeitado a lei”.¹⁰⁵

Como entender estes dois posicionamentos a partir do amor? Como traçar um roteiro para entender este amor que para muitos sufoca, reprime a liberdade, torna diferente a pessoa e por isso as afasta de tantas outras?

Para poder entender ambas as afirmações sobre a liberdade e a servidão, aparentemente contraditórias entre si, , devemos ter em conta que toda pessoa cristã possui duas naturezas: Uma espiritual e outra corporal. Tendo em vista a alma, ela é designada de ser humano espiritual novo e interior; segundo a carne e o sangue, é chamada de ser humano corporal velho e exterior. Por causa dessa diferença, a Escritura contém a seu respeito afirmações nitidamente contraditórias, como mencionei a pouco no que diz respeito à liberdade e à servidão.¹⁰⁶

O cristão tem o livre arbítrio. Somos livres no plano horizontal (aqui) e dependentes de Deus na vertical (lá no céu). Isso significa que as pessoas são livres para agir na vida e no mundo, mas, quando se trata do plano da salvação, impera o servo-arbítrio. Nada contraditório, mas observado na perspectiva da Criação: **Deus faz e traz e também leva.**

Salvação e céu são verdades buscadas a partir da liberdade. Queremos entender como fé, mas essencialmente como verdade. Neste sentido, o caminho de Jesus introduz, desde a revelação, um critério de verificação, que, no entanto, não elimina a possibilidade de encontrar a verdade em nossa própria vida. Trata-se de uma vida no espelho da outra. Por isso, é preciso advertir que temos aí um viés duplo, pois em última análise nossa percepção da vida de Jesus não vem somente dos textos que dele dão testemunho, mas também da nossa percepção, isto é, de

¹⁰⁵ LUTERO, Martim. *Da liberdade Cristã*. 9. ed. São Leopoldo: 2016. p. 7 e 8.

¹⁰⁶ LUTERO, 2016, p. 8.

vidas reais, de pessoas reais em nosso próprio tempo e espaço, que nos dão pressupostos para compreender a vida de Jesus. Sem estes pressupostos, a leitura da vida de Jesus não poderia fazer sentido real para nós.

Neste sentido, um dos que melhor percebeu isso na tradição cristã foi Martin Lutero. Para ele, estava meridianamente claro que aqui vale o *Solus Christus*, o “Somente Cristo”. A fé é dada por Jesus, em graça, e é alimentada em graça por ele ao longo da vida. A fé tem Jesus por alvo.

E Lutero soube também tirar as consequências disso para a compreensão da verdade: verdade é *was Christum treibet*, “o que leva a Cristo”; talvez melhor, “o que se impõe como representação adequada do Cristo para nós”. Este era o seu critério soberano na leitura da Bíblia, e também critério soberano na leitura de textos doutrinários e dos escritos confessionais. É diante deste critério que todos os textos e todas as proposições devem ser justificadas. Aqui temos o evangelho, critério soberano na confrontação com todos os textos da tradição cristã.¹⁰⁷

Olhando para a hermenêutica de Lutero, podemos encontrar um Cristo despreocupado, igualitário para todos. Despreocupado porque Ele está a serviço da promessa de Deus. Igualitário porque o amor é para todos e com todos. Resta apenas as questões de fé, ou seja, aquele que ouve, aceita e dá testemunho da fé cristã. Se olharmos para Gálatas 3.26, teremos a clareza de que “todos vos sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”. Salvação como filhos está diretamente ligada à fé em Cristo, como justiça de Deus. Mas como se manifesta a justiça de Deus?

A grande descoberta hermenêutica de Lutero, a sua descoberta reformatória no sentido estrito, foi que o próprio *signum* já é a *res*, que o próprio signo linguístico já é a coisa. Numa conversa à mesa, Lutero faz essa compreensão de linguagem culminar na seguinte sentença: *Signum philosophicum est nota absentis rei, signum theologicum est nota praesentis rei* (“o signo filosófico é o sinal de uma coisa ausente; o signo teológico é o sinal de uma coisa presente”).¹⁰⁸

O elemento reformatório diferenciador reside na descoberta de um significado da *iustitia Dei*, da justiça de Deus. Esta, de maneira nenhuma, se deixa isolar do modo e do meio da autocomunicação da justiça de Deus na palavra

¹⁰⁷ MUELLER, Enio R. *Teologia Cristã: em poucas palavras*. São Paulo: Editora Teológica, p. 33-34.

¹⁰⁸ BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 38.

confiável da promessa de salvação, da *promissio* que constitui a certeza de salvação.¹⁰⁹

Na justiça de Deus, as promessas e o seu cumprimento deixam claro o que Deus quer e tem para cada um. Salvação também faz parte da justiça de Deus, desde que, em toda a sua compreensão, estejam embutidos os conceitos e valores necessários para a vivência da fé de cada um.

Quanto a acessar ao céu: “não é por violência que se pode apressar a vinda do reino de Deus. Ao dizer, no catecismo Menor, que ele vem por si, sem o nosso esforço, Lutero bem captou a intenção de Jesus. O reino de Deus jamais será “produto de esforço humano”, de sua criatividade, de sua técnica. E, embora não possa ser construído, importa seja acolhido.”¹¹⁰

A salvação vem por meio da fé, mas sempre como iniciativa e obra de Deus. A fé entra como meio e não como obra nossa conforme registrado em Romanos 3.28. Lutero formulou o seu conceito de justificação pela fé a partir da ideia da salvação baseada na graça de Deus, por intermédio da fé em Jesus Cristo. Os nossos pecados são perdoados, nos livramos da condenação eterna, por meio da obra de Deus.

2.2 O Mistério da liberdade

O mistério surge da nossa compreensão sobre a liberdade. Se a liberdade significa alguma coisa, será sobretudo o direito de dizer às outras pessoas o que elas não querem ouvir da liberdade. Nesse sentido, muito do que poderia ser dito a respeito do mistério da liberdade, a muitas pessoas poderia ser expresso numa só palavra: justiça. A liberdade é um dos dons mais preciosos que Deus deu às pessoas. Nada se compara a ela, nem tesouros da terra, nem os tesouros que o mar guarda nos seus abismos. Pela liberdade, pode-se e se deve dar demonstração por meio de nossa vida.

A liberdade representa um mistério profundo para a teologia. Como a liberdade divina e a humana podem ser coexistentes sem que uma ameace ou aniquile a outra? O consenso na teologia desde os Pais da Igreja Primitiva até os Reformadores é o seguinte: é Deus, como soberano absoluto, quem controla e

¹⁰⁹ BAYER, 2007, p. 38.

¹¹⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 20.

determina todas as atividades finitas e as mudanças. A metáfora régia e a lógica implícita da soberania divina significavam que só Deus é verdadeiramente livre e que a liberdade humana, caso exista, é puramente uma dádiva divina. Não pode haver uma base independente da liberdade na natureza humana, como afirmam os humanistas, pois isso constituiria uma rivalidade com a liberdade divina e uma limitação dela. Somente no mundo moderno tornou-se possível compreender as duas liberdades, humana e divina, como podendo coexistir, de tal maneira que ambas sejam reafirmadas e enriquecidas. Neste sentido, a grande percepção de Hegel foi que a liberdade humana tem de estar presente, de modo que o outro exista por causa dela. A liberdade não é autonomia ou vontade própria ou livre escolha, mas uma presença-para-si, que é mediada pela presença-para-um outro e depende dela. A liberdade exige uma comunidade de liberdade, na qual a alteridade e a diferença são essenciais. E o reconhecimento recíproco ocorre em uma relação de igualdade. Hegel aplicou esse modelo tanto às relações divino-humanas como às inter-humanas. Assim, para Deus ser Deus, Ele tem de deixar o mundo partir de si mesmo, do divino para a liberdade. Deus se relaciona com este mundo na modalidade de empoderamento e persuasão e não de comando e controle.¹¹¹

Parece que tantas vezes precisamos do empoderamento para degustar a liberdade que sonhamos, mas por vezes, com medo, nos acovardamos ao não encará-la. Há uma grande confusão entre a liberdade de Deus e a liberdade humana. Apegamo-nos a valores antes mesmo de saber de Deus qual a liberdade é dada a cada um de nós. Olhando ao que Hegel diz, vamos também compreender que livre é somente Deus. O ser humano é compassivo com a lei e a liberdade. Somos livres apenas de nós mesmos. Há, evidentemente limitação na liberdade humana.

Lutero debateu-se vigorosamente com a compreensão da liberdade, mas não chegou à percepção moderna. Apesar de sua grande originalidade e ousadia, e apesar de seu vislumbre do sofrimento e morte de Deus na cruz, no tocante à questão da relação divino-humana, ainda estava operando com categorias do final da Idade Média. Lutero certamente reafirmou a presença e a realidade da razão na humanidade caída. No debate acerca do homem (1536), diz que “a razão é o que há de mais importante e mais elevado” de todos os poderes criados. De fato, ela

¹¹¹ HELMER, 2013, p. 48.

representa “algo divino” na humanidade. Ela é o meio pelo qual os seres humanos exercem domínio sobre a natureza, mas a razão humana não conhece a si mesma *a priori*, não sabe que sua causa eficiente é Deus; não sabe que somente pode ser libertada de poder do diabo através de Cristo. A razão caída está maculada, mas não destruída; algo permanece em que a fé pode ser formada; e a razão é incompreensível sem a liberdade. “Não fosse a razão, a vontade seria como a do gado, assim como vemos sermos [em contraposição a isso] levados para a justiça e alegria, etc”.¹¹²

A partir de Lutero percebemos a liberdade como mistério, como estando além de nossa capacidade de entendimento. A verdadeira liberdade, na essência, se realiza em Deus, com a perfeição na ação de Deus. Desta maneira, poderíamos considerar a liberdade como mistério aos que de alguma forma vivem na dependência, por suas limitações físicas ou mentais. A incompletude é uma marca da compreensão teológica de Lutero. Por isso, as limitações físicas e mentais são uma característica de toda a humanidade. Conseqüentemente, a necessidade de cuidado um com o outro.

Conclui-se que Deus é completo e cuida de todos de forma integral. A liberdade de Deus e em Deus não está para partes, mas para o todo que podemos chamar de Ser humano! Este, sendo justo, é porque vive por fé.

2.3 Salvação no Contexto Pentecostal

Por que falar e averiguar o contexto Pentecostal no tocante à salvação e ao céu? Quem neste contexto pentecostal terá salvação e o céu prometido?

Quando as coisas não se desenrolam conforme gostaríamos, torna-se muito tentadora a ideia de que, se tivéssemos procedido de maneira diferente, a história teria tido um final mais feliz. Os pastores de alma sabem que toda vez que ocorre uma morte, os que permanecem vivos se sentem culpados. Como a ação que empreenderam teve um desfecho desagradável, acreditam que se tivessem feito o contrário – o final seria melhor.¹¹³ Ou seja, que é possível creditar sempre às ações humanas a causa das desgraças que sobrevêm às pessoas.

¹¹² HELMER, 2013. p. 49.

¹¹³ KUSHNER, Harold S. *Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas*. São Paulo: Ed Nobel, 1988. p. 95.

Harold S. Kushner, nesta direção, enriquece nossa pesquisa trazendo histórias comparativas e reais que ele próprio viveu, e também que trouxeram para a sua vida de fé uma oportunidade de entender Deus. Não apenas Deus, mas, essencialmente, as pessoas que Dele esperam tudo para mudar a sua vida espiritual e física. Muitos que não obtêm uma cura física ficam magoados, enraivecidos com tudo que não alcançaram. Pediram em oração, mas não viram sinais de mudança ou transformação física, o que pode resultar em frustração e mágoa.

O que fazer com esta raiva quando estamos magoados? Se estiver ao nosso alcance, podemos ficar com raiva da situação, e não contra nós mesmos, ou contra aqueles que poderiam tê-la evitado ou estão conosco tentando ajudar, ou contra Deus que a teria permitido. Sentir raiva de nós mesmos nos deixa deprimidos. Sentir raiva de outras pessoas afasta-as de nós, dificultando a ajuda que nos podem dar. Sentir raiva de Deus erige uma barreira entre nós e as fontes de sustentação e conforto da religião, capazes de nos levantar em semelhantes ocasiões. Mas sentir raiva da situação, reconhecê-la como algo deselegante, desonesto e totalmente imerecido, gritar contra ela, denunciá-la, chorar sobre ela, permite-nos descarregar a raiva que parte da nossa mágoa sem dificultar a ajuda que outros nos podem dar.¹¹⁴

Como ser salvo num contexto onde as exigências para tal são tantas vezes assustadoras, ou amedrontam em nome de um Deus incompassivo?

Para muitos, a salvação vem pelo milagre. Se houver cura então existe um sinal miraculoso de que Deus está atuando. A necessidade de que algo extraordinário aconteça é iminente e decisiva: “Deus está com você”!

A fé subsiste, portanto, nos milagres? Não só no que se refere à questão dos milagres, mas também no que se refere à religião em geral, tem-se o costume bastante frequente, em nossa sociedade, de juntar à palavrinha fé o designativo ainda. E de fato, já não se nos afigura a fé em milagres, desde há muito tempo, como algo antiquado? Em consonância com isto, as declarações da teologia e da Igreja a respeito do tema fé em milagres se apresentam, em geral, como escaramuças travadas na rota de retirada. Mais frequente é a impressão de que, na melhor das hipóteses, se poderia chegar a tornar a fé em milagres em algo compreensível, ou ao menos se poderia explicá-la como uma entre as várias formas de cristianismo ou religião. Esta atitude puramente defensiva, que consegue apenas

¹¹⁴ KUSHNER, 1988, p. 110-111.

repelir as questões, ainda determina, em grande parte, a apologética moderna. Isso com argumentos que tem por meta intencional demonstrar o elemento cristão como moderno. Mas este modo de proceder parece partir, desde sempre, do pressuposto de que aquilo que defende é algo antiquado, no fundo um resquício de outra época e algo inconveniente, um fóssil da história das religiões.¹¹⁵

Segundo o Novo Testamento, os milagres de cura consistem no fato de que, silenciosamente, alguém que tinha “pulado” fora do caminho é de novo incorporado à ordem normal de seu ser. Este processo é integral, e justamente por isso pode ter uma função curativa. O elemento visível e corpóreo é apenas como um dos polos de uma elipse. Quero presumir que o processo de ser reincorporado à ordem diante do “pessoal em terra”, de Deus, realiza-se muito mais frequentemente do que podemos perceber. Evidentemente que não de maneira tão espetacular como no Novo Testamento, mas de forma tão integral quanto ocorre nele.¹¹⁶

O milagre de certa forma sintoniza as pessoas que vivem as suas necessidades e carências. Nisto, qualquer sinal ou mudança contribuem para que a afirmação de que algo aconteceu se torne verdadeira e real. A expectativa transforma pessoas e ambientes.

As pessoas passam a ficar em ordem (consigo mesmas) sempre que encontram um sentido para a vida, que descubrem sua identidade e encontram a si mesmas diante do mistério de Deus. É evidente que isso tudo tem consequências no âmbito da corporeidade. Se Marcos 8.35 formula essas consequências com a expressão “Salvar sua vida”, é porque precisamente nela se acha aquele aspecto concreto e integral que é tão típico do milagre. Alguém salva sua vida na medida em que está disposto a perdê-la, isto é, colocá-la em jogo integralmente, seja no amor, seja em favor da justiça de Deus. É por essa razão que no Antigo Testamento e nas origens do judaísmo as histórias de milagres aparecem quase que exclusivamente no caso de profetas, profetas que, assim como Moisés, Elias e Eliseu, exigem o cumprimento da vontade de Deus de maneira radical e inegociável. A radicalidade e os milagres são parte de uma mesma coisa. A radicalidade refere-se tanto ao mensageiro de Deus no presente quanto à obediência que lhe é demonstrada.¹¹⁷

¹¹⁵ BERGER, KLAUS. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2004. p. 71.

¹¹⁶ BERGER, 2004, p. 72.

¹¹⁷ BERGER, 2004, p. 73.

Entre as expectativas do milagre acontecido, feito ou não, será preciso ter clareza de que Deus continua sendo Deus independente do que Ele fizer. Deus não faz milagres para que creiamos Nele, mas porque cremos, milagres acontecem.

Salvação para muitas pessoas também está relacionada a milagres. É bom saber biblicamente que somos salvos por graça e fé. Mas isto vale para quem? Encontramos pessoas de diferentes confissões de fé que buscam apenas o milagre. Elas pensam de forma diferente. Praticam uma verdade e orientação bíblica diferente. Como anunciar a ação salvífica de Deus para quem só vive esperando por milagres?

As curas acontecem em muitas modalidades. Hoje, elas têm seu lugar privilegiado nos hospitais e em casas semelhantes, embora, de modo algum, em termos exclusivos. A medicina encarregou-se de cuidar da saúde. E ela o faz com muito sucesso, produzindo verdadeiros milagres. Beneficia-se, por sua vez, dos milagres da técnica e da pesquisa científica. No mundo moderno, o conceito do milagre mudou. Ele transferiu seu lugar. Já não se encontra somente nas igrejas e na religião. Ele acontece em escala crescente nos laboratórios, nos centros de pesquisa e de estudo, nas salas de cirurgia, nas fábricas. Essa transferência brindou a humanidade com potencialidades jamais imaginadas.¹¹⁸

Quando a medicina não é vista como meio do agir de Deus, ficamos cada vez mais distantes da ação e providência Dele. Brakemeier pergunta se será imaginável um mundo sem milagres? Também responde que seria um prejuízo muito grande.¹¹⁹

A negação do milagre acabaria afetando até mesmo o discurso sobre Deus. Para que falar de Deus se dele nada se espera, se não há motivos para agradecer, se a vida não passa de um jogo de loteria, regido por sorte ou azar? A oração, entre elas, o Pai Nosso, perderia seus conteúdos. Cabe à igreja empenhar-se por uma “cultura de atenção” para o agir de Deus no mundo. E também estimular a busca do socorro que vem do alto. Simultaneamente, o ser humano é convidado a preparar “milagres” para os seus semelhantes, a fim de que, por meio de solidariedade humana, sejam motivados para a fé, o amor e a esperança, conduzindo a glorificação do “Pai que está nos céus” (cf Mt 5.16). A comunidade cristã relembra os

¹¹⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. *O segredo do Milagre: uma perspectiva bíblico-teológica*. São Leopoldo: 2012. p. 88.

¹¹⁹ BRAKEMEIER, 2012, p. 88.

objetivos diaconais dos milagres de Jesus, sabendo-se compreendida a seguir-lhe o trilho também nessa causa.¹²⁰

2.4 Relação entre igrejas tradicionais e pentecostais

Primeiro cabe-nos, num apanhado geral, delinear as diferenças entre as igrejas e fazer um resumo sobre elas, numa análise comparativa. Basicamente são três as ramificações que se apresentam no meio protestante: tradicional, pentecostal e neopentecostal. Elas são frutos, em maior ou menor grau, de um movimento chamado Reforma Protestante que, em 2017, completa seus 500 anos de história.

Geralmente, a reforma religiosa que deu origem ao protestantismo é pensada em termos da rebelião de Lutero com suas 95 teses contra as indulgências. Mas é sabido que não é apenas assim. A Reforma foi um vasto movimento que começou ainda na Idade Média e se prolongou até o século XVIII, com o desenvolvimento do metodismo na Inglaterra, que se constituiu no seio da Igreja Anglicana. Contudo, são consideradas "históricas" ou reformadas as igrejas que surgiram após a rebelião de Lutero e que contêm em seus símbolos de fé os paradigmas fundamentais propostos por Martinho Lutero e Calvino.¹²¹

Os evangélicos tradicionais diferem dos pentecostais apenas em relação à experiência do chamado "batismo no Espírito Santo". Não aceitam o "falar em outras línguas" (glossolalia) e dão forte ênfase no ensino teológico e no trabalho social. Não se preocupam com usos e costumes como vestimentas e adornos: compreendem principalmente as chamadas igrejas históricas que tiveram origem no início da Reforma Protestante ou bem próximo dela. São elas: Luterana - fundada por Martinho Lutero (Século XVI); Presbiteriana - Fundada por João Calvino (Século XVI); Anglicana - Fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII (Século XVI); Batista - Fundada por John Smith (Século XVII); Metodista - Fundada por John Wesley (Século XVIII).¹²²

Está bem claro que não são igrejas únicas. São originadas a partir de uma nova postura, a partir da vivência da fé orientada na liberdade cristã. Propugnam

¹²⁰ BRAKEMEIER, 2012, p. 89.

¹²¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. *Revista USP*, n. 74, p. 160-173, 2007. p. 163.

¹²² DIFERENÇAS ENTRE IGREJAS Pentecostal, Neopentecostal, Carismático e restauracionismo. Disponível em: <<http://www.pecadorconfesso.com/2013/04/diferenca-entre-igrejas-pentecostal.html>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

que o ser humano estabelece o seu diálogo com Deus, sem intermediários. Pode reclamar a Ele e também é justificado por Cristo. Cristo, para essas a igrejas é o único advogado do ser humano.

As igrejas pentecostais compreendem aquelas que tiveram início no reavivamento nos Estados Unidos entre 1906-1910. As experiências do "batismo no Espírito Santo" levaram os membros que tiveram essa experiência a serem excluídos de suas antigas igrejas, formando assim outras comunidades que levaram o nome de Assembleias de Deus (não confundir com a denominação brasileira que leva o mesmo nome, enquanto que aquela é um movimento que reuniu várias igrejas que aceitavam a experiência dos dons espirituais no batismo com o Espírito Santo, enquanto esta última é uma denominação fundada em terra brasileira), congregações etc. As principais igrejas pentecostais no Brasil são: Assembleia de Deus; Congregação Cristã no Brasil; Igreja do Evangelho Quadrangular; O Brasil para Cristo; Deus é Amor. A Assembléia de Deus foi fundada pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren (1911) e é a principal expoente do pentecostalismo no Brasil. A Congregação Cristã no Brasil foi fundada por Louis Francescon (1910); A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada por Aimée Semple McPherson (1950); O Brasil para Cristo foi fundada por Manoel de Melo (1955); Deus é Amor foi fundada por Davi M. Miranda (1962).

No Brasil, as principais igrejas que representam os neopentecostais são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça, Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo. Igreja Universal do Reino de Deus - Fundada por Edir Macedo (1977); Igreja Internacional da Graça de Deus - Fundada por Romildo R. Soares (1980); Sara Nossa Terra - Fundada por Robson Rodovalho (1980); Renascer em Cristo - Fundada por Estevan Hernandez (1986).¹²³

Os neopentecostais e os carismáticos formaram uma outra igreja coexistindo juntamente com os pentecostais, mas sem se identificar com elas. Dão bastante ênfase ao louvor e são mais flexíveis teologicamente, não permanecendo estáticos na doutrina como são os pentecostais. Distinguem-se também quanto aos usos e costumes. É o grupo que mais cresce atualmente no Brasil devido a um maciço investimento na mídia, como é o caso das igrejas Universal, Mundial e da Graça.¹²⁴

¹²³ DIFERENÇAS ENTRE IGREJAS, 2017.

¹²⁴ DIFERENÇAS ENTRE IGREJAS, 2017.

O pensador protestante está sempre no fio da navalha, entre a tradição teológica de sua confissão e a necessidade de repensá-la sempre, usando da liberdade que tem. Quando a ortodoxia se fecha, os que pensam a partir da atualidade circundante são anatematizados ou marginalizados, já que no protestantismo não há o mecanismo de excomunhão. A ausência de pensamento inovador faz com que o protestantismo, perdendo sua dinâmica, caia em letargia conservadora, tornando-se irrelevante. É o fruto do medo da liberdade¹²⁵.

Em meio a usos e costumes podemos perguntar pela graça de Deus. Como se entende salvação em ambos os grupos? Onde está? Enquanto alguns se apegam à glossolalia, ao rebatismo no Espírito Santo, em vestimentas, outros buscam aprofundar-se na palavra de Deus que pode vir também pelo ensino teológico e pela prática dos trabalhos sociais. Todos querem experimentar e falar do amor de Deus, mesmo que seja de forma diferente das práticas do viver e agir pela fé.

Há no protestantismo, como em todo o cristianismo, um desejo de imanência, entendida aqui como intenso desejo humano de convivência direta com Deus, um Deus presente e modelador da existência. No plano individual do simples crente, essa necessidade de imanência gerou a mística e o pietismo, particularmente no protestantismo alemão, e no plano da reflexão teológica, as conhecidas obras da busca do Jesus histórico.

Verdade única e absoluta, todos estão sob a graça de Deus. Têm Cristo Jesus como único Senhor e Salvador.

¹²⁵ MENDONÇA, 2007, p. 164.

3 A EXPERIÊNCIA DE VIDA COMO ATUALIZAÇÃO TEOLÓGICA

3.1 Salvação em Mateus 7.13-14 e 15-23

Pensamos em céu e eternidade por meio da salvação. Onde encontrar a salvação tão esperada?

As tentações, dizem os monges, levam-nos ao encontro de nossa humanidade. Elas nos fazem entrar em contato com as raízes que sustentam o tronco. Colocar-se diante das tentações significa confrontar-se com a verdade. Um dos patriarcas expressa-se a este respeito da seguinte maneira: “sem as tentações ninguém será santo, pois aquele que foge do proveito da tentação também foge da vida eterna. Com efeito, tentações há que prepararam aos santos as suas coroas”.

Observando o tema proposto, da correlação entre a Palavra de Deus e o céu em Mateus 7.13-14;15-23, podemos destacar as afirmações de Jesus ao propor aos discípulos que vivam a prática de seus ensinamentos, seja apoiados nos exemplos de fé ou nas parábolas. A dificuldade de viver esta prática rende-se ao entendimento de céu e salvação, ambos ligados diretamente à liberdade cristã, que, na obra de Jesus Cristo, permite a passagem pela porta estreita, como destaca o texto.

“Entrai pela porta estreita” alude às inegáveis dificuldades, internas e externas, que o discípulo de Cristo há de encontrar quando quiser realizar, na prática, o programa moral exposto por Jesus.

Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois apertadas são as passagens, os meios, e sem esforço não conseguirão. Aproxima-se o reino prometido, reino concedido a todos conforme o próprio Cristo anuncia: “depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas-novas de Deus. ‘O tempo é chegado’, dizia ele. “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!” (Marcos 1:14-15). Mas quem poderá entrar pela porta?

“A *peroratio* começa com o apelo fundamental: “entrai pelo portão estreito” (v.13a). O verbo “entrar, penetrar” (*eisérchomai*) liga o evangelista a diversos objetos. Ele conhece um penetrar, ou seja, um entrar no Reino dos Céus, no aposento nupcial (25,10), na alegria do Senhor (25, 21-23) e na vida (18, 8-9;19-17). Trata-se sempre de ter acesso ao pleno reino da vida e, portanto, a Deus. O portão e a porta metafóricos equivalem, deste modo, à entrada no reino dos céus (cf.

7,21b), que é preenchido aqui com a palavra “vida” (v14b). Na oração imperativa do versículo 13, essa meta ainda não é mencionada. Contudo, sobre o pano de fundo do “ensinamento sobre a montanha”, já está claro que, no sentido da segunda e da terceira petição do Pai-nosso, só pode ser o desígnio salvífico de Deus, cuja forma imperativa de Jesus conduz ao reino dos céus .

O texto de Mateus traça um paralelo entre porta e caminhos. Ambos necessários para o início e término da caminhada. Não fala aqui do percurso, mas do poder entrar, como caminhar e onde chegar. A vida cristã está traçada nestes parâmetros: a porta é estreita para todos, os caminhos são desafiadores para tantos. A chegada será surpreendente para todos. No entanto, ninguém chegará se não participar da caminhada com todos.

Por conseguinte, o caminho para a vida é necessariamente fatigante, marcado por resistência e perseguição (cf. 5,10-12.44). Por esse motivo, estreito e perigoso. “Vida” e “perdição”, no final de contas, são também noções que pertencem ao vocabulário apocalíptico-escatológico. Isso indica que também Mateus compreendeu a vida no sentido escatológico. Contudo, como reiteradamente mostra o “ensinamento sobre a montanha”, o movimento para a entrada no reino dos céus já começa agora. O portão que dá acesso à vida pode, portanto, ser pensado como o ponto final do penoso caminho no seguimento do sofrimento do Senhor ou como idêntico ao caminho do calvário. Nesse caso, ele conduz à cidade de Deus através de um portão estreito, prolongado e repleto de armadilhas. Para percorrer persistentemente um caminho doloroso e cheio de perigos, através do portão escuro e estreito, é preciso coragem e valentia.

O diálogo de Jesus com os ouvintes nas duas perícopes trabalhadas traçam um paralelo em busca de afirmação e uma razão para a prática pastoral. O sermão da montanha, no Evangelho de Mateus, mostra-se como uma sinopse da mensagem do próprio Cristo. Apresenta-se como um dos ensinamentos mais importantes de Jesus.

O anúncio do texto de Mateus 7.13-23 se dá em Mateus 5.1-12, onde se apresentam as bem-aventuranças. É preciso ser bem-aventurado, em humildade de espírito, para que tenhamos o reino tão sonhado. Será preciso chorar para sermos consolados; sermos mansos para sermos herdeiros; ter fome e sede de justiça para estarmos fartos; sermos misericordiosos para alcançarmos também a misericórdia; sermos limpos de coração para que possamos ver a Deus; sermos pacificadores

para sermos filhos de Deus; sermos perseguidos por causa da sua justiça para sermos alcançados por seu reino Seremos injuriados, perseguidos e absorver o mal dito contra nós. A proclamação da alegria porque tem a ver com o galardão nos céus. Bem-aventurado o que espera em Deus que é amor, pois nós somos o seu limite pelo amor.

A parte introdutória da *peroratio* do Sermão da Montanha admite, portanto, que o caminho indicado por Jesus é difícil, visto que muita coisa o contraria. “A confiança no poder e na força, o ódio ao inimigo, a vingança contra a injustiça sofrida, a delimitação da verdade ao caso-limite do juramento, a justiça em vez da benevolência, o apego a própria concepção e a própria realização, até mesmo a propensão a justiça perante Deus e perante as pessoas” (isso é uma citação literal? Então necessita de nota de rodapé). Ao mesmo tempo, desde o início, a seção acena para esse caminho, visto que ele conduz à vida – aqui e além!

Buscando alicerçar a salvação na fé, olhando para o Sermão do monte, podemos ouvir o que a Bíblia Sagrada diz em outras passagens. É exemplo o que Romanos 3.22-23 diz: “não há distinção, pois todos pecaram, e carecem da glória de Deus”. Independente do nosso fazer, Deus, em Jesus Cristo, chega antes em nossa situação, chega antes a este ou aquele, e se dedica a todo aquele que nele crer. Isso por que o pecado é vasto, abrangente, mas não será este que impedirá a salvação, alcançada apenas pela fé.

Deus, de forma maravilhosa, não escolheu as evidências para selecionar, demarcar ou separar quem fará parte da grande promessa, mas através de algo invisível e, aparentemente, insignificante: a fé. A fé individual e não coletiva dará permissão a quem fará parte deste céu como salvação. As bem-aventuranças decretam que “se formos perseguidos por causa da sua justiça seremos alcançados em seu reino” (Mt 5.10). Na carta do apóstolo Paulo aos Romanos (1.17) lemos: “visto que a justiça de Deus se revela no Evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”. Céu e eternidade, ambas vinculadas à fé.

3.2 História pessoal na Palavra de Deus e Salvação aos deficientes

A minha história começa enquanto eu caminhava e projetava coisas para hoje e amanhã. Ontem, fazia minhas caminhadas, corridas, jogava futebol, mas

sempre com a pergunta: será que terei os mesmos problemas genéticos de meu avô, tio e tia, uma ataxia espino cerebelar? O que é isto?

As ataxias espinocerebelares (SCAs) constituem um grupo de doenças genéticas neurodegenerativas, em geral de início tardio, com grande variabilidade clínica, caracterizadas pela perda progressiva de coordenação da marcha. Além disto, estão geralmente associadas à coordenação deficiente dos movimentos da mão, dos movimentos dos olhos e da fala. O início de aparecimento dos sintomas pode variar dependendo da alteração genética encontrada, mas geralmente ocorre a partir da terceira década".¹²⁶

Sim, sou o primeiro neto e sobrinho que sofre do mesmo problema genético familiar progressivo. Ataxia permite o movimento das pernas, mas cada vez com menos controle e equilíbrio nos movimentos. Tenho o movimento nas pernas, mas com desequilíbrio constante. Enfim, tenho que aprender a viver com as dificuldades.

Quando enviado pela IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) para assumir a Comunidade Evangélica de Dourados/MS, ainda caminhava quase normalmente. A síndrome da ataxia em nossa família se manifesta a partir dos quarenta anos. Segundo os médicos, isso faz com que a possibilidade de paralisia integral seja mais remota, pois nesta idade ela acontece gradativamente. Isto possibilita uma adaptação ao novo jeito de caminhar e encarar as limitações.

No ano de 2010, quando cheguei à Comunidade Evangélica de Dourados, ela estava saindo e sobrevivendo a uma segunda divisão proporcionada pelo movimento carismático e neopentecostal. Culto de curas, libertação de carmas, expulsão de demônios, batismo no Espírito Santo, glossolalia, profecias e tantas outras manifestações eram realizadas na comunidade em nome de Deus.

Fui enviado pela IECLB para pastorear e trabalhar nesta comunidade. Sou grato a Deus, pois Ele usa meios tantas vezes inconvenientes para falar da vida a tantas pessoas. Sinto muitas vezes que, através da minha limitação física, Deus está falando a mim, meus familiares e a tantas outras pessoas. A presença de Deus não está apenas nos aromas, cores, nas coisas agradáveis, perfeitas, mas também no desequilíbrio, nas desigualdades e adversidades, nos momentos sem cores, singulares e plurais.

Já ouvi de tantas pessoas (nas conversas em família) que na fé podemos alcançar tudo que em nome de Deus buscamos com dedicação e oração. E ainda,

¹²⁶ GENOMICA. Ataxias Espinocerebelares [SCA]. Hospital Israelita Albert Einstein. Disponível em: <<https://www.genomika.com.br/doencas/SCA/#t2>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

que pela falta de fé, não permitimos o agir de Deus, e como consequência pagamos fisicamente por sermos limitados espiritualmente. Soube que fui tema de diálogos de pessoas muito “espiritualizadas”, que saíram da nossa comunidade e migraram para outras comunidades pentecostais. Diziam: “o que Deus está fazendo/falando aos de Confissão Luterana ao enviar um pastor dependente física e espiritualmente? Deus está mostrando para eles o quanto falta à rendição deles ao poder Dele”.

Não creio neste Deus! O meu Deus continua sendo Deus também na tentação, perseguição e morte de Jesus. Creio nesse Deus também nas quedas e quando Jesus vai para a cruz, exclamando sobre ela o que nós tantas vezes não temos coragem de dizer: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). O meu Deus é capaz de ressuscitar pessoas com seus valores e marcas da vida, mas restauradas, tal como o fez com Jesus. Independente de como vivemos, Deus continua sendo Deus!

Atribuir problemas, limitações, deficiências ou dependências físicas ao agir de Deus por nossa não rendição a Ele, é tão constrangedor quanto dizer que Jesus Cristo não veio como filho de Deus e como promessa para restaurar o mundo através do Evangelho. Ou ainda, que a todo o que Nele crer Deus não dará salvação. Em resposta à fé, assumimos a reconciliação com Deus, participando de ações e projetos que busquem cuidar e acompanhar toda e qualquer pessoa que passa por necessidade, pois o justo vive pela fé.

Se acreditamos em Deus, mas não O responsabilizamos pelas tragédias da vida; se acreditamos que Deus deseja a justiça e a equidade, mas nem sempre consegue fazer com que elas se imponham, precisamos nos perguntar o que fazemos quando oramos a Deus para nos sairmos bem de uma crise em nossa vida?

Vamos aprender a orar, a falar com Deus através da e com a sua Palavra, A Bíblia Sagrada. Neste sentido, Jacó não pede a Deus que mande Esaú embora, que diminua a sua força ou que magicamente apague sua memória da face da terra. Jacó pede a Deus apenas que o torne menos temeroso, fazendo-o saber que está ao seu lado, de modo que independente do que acontecer no dia seguinte, ele esteja em condições de enfrentá-lo. Isso porque não estará sozinho.

A todos aqueles que oram por coragem, por fortaleza para suportar o insuportável, em agradecimento pelo que lhes foi deixado frente ao que lhes foi

tirado, estes muito frequentemente têm suas orações atendidas. Eles descobrem que têm mais força e mais coragem do que jamais pensaram ter.

Com atuação de um demônio ou “espírito imundo” geralmente são associados fenômenos que hoje seriam considerados doenças físicas (cf. Mc 1.21ss; 5.1ss). No entanto, não é o espírito imundo que habita a pessoa, mas é a pessoa que habita o espírito, que, às vezes, também pode aparecer no plural (cf. 1.24; 5.9). A libertação do espírito e, associado a isso, a cura da doença psíquica consiste em que Jesus faz com que o espírito se retire da pessoa, respectivamente a liberte de sua esfera. Com isso, a pessoa procura ou adquire, pela primeira vez, a consciência de si própria, sua identidade e sua autonomia, sendo também integrada ou reintegrada nas relações sociais (Mc 5.19s: “Vai para a tua casa, para os teus”). A libertação do espírito, respectivamente a cura, objetiva a proclamação da Boa Nova por meio da pessoa curada (Mc 5.19b). Também doenças de origem física, com efeitos psíquicos, podem ser atribuídas a ação de demônios, como por exemplo, a epilepsia (Mc 9.14ss e textos paralelos). Jesus ameaça o espírito imundo para que a cura possa ocorrer (Mc 9.25ss).

E Deus? Quem disse que Deus precisa de nós? Deus dá oportunidade de participar daquilo que é obra e missão Dele. Vivemos a experiência de participar dos projetos de Deus. Se pela ação de Deus, através do Espírito Santo, somos participantes de tantas bênçãos, agradeça a Deus pela oportunidade e o privilégio de fazer parte deste projeto com Ele. Não temos o direito de anunciar e fazer os milagres, as curas e expulsões de demônios que Jesus fez. A autoridade dada foi e é sobre espíritos imundos (Mt 10.1). Não tenho um espírito imundo, mas o de Deus. Foi Deus quem o fez e hoje o faz. Nós apenas participamos. Deus, em sua graça e misericórdia, faz tudo a quem e quando ele quiser. Cabe-nos baixar a guarda e em diaconia estarmos a serviço do Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus. A ação do serviço não acontece apenas pela formação ou sabedoria que nós temos, mas porque Deus é misericordioso e por graça nos acolhe como somos. Somos o rosto do sermão do monte, do mundo não pronto, acabado. O sermão do monte continua apontando para o futuro. E quanto ao futuro, quem garante as condições em que estaremos ou o que enfrentaremos?

Se o modelo de justiça que o Sermão aponta é Jesus Cristo, Nele por graça somos acolhidos. A Bíblia mostra que cura e salvação acontecem de forma integrada. Somos salvos como pessoas integralmente, sem separação entre o físico

e o espiritual. Portanto, salvação tem a ver com o encaminhamento salvífico de Deus, que acolhe a pessoa como um todo.

Na época do AT acreditava-se que a raiz das enfermidades era o pecado. Muitos pais ainda hoje se culpam por ter uma criança especial. No entanto, Jesus, ao ser perguntado a respeito da culpa de um cego de nascença que curou, disse: “nem ele pecou, nem seus pais, mas foi para que se manifestasse nele a glória de Deus” (Jo 9.1-12). Isso confirma que a doença não tem, necessariamente, a sua origem no pecado. Ao curar, Jesus usa elementos da natureza e envolve a pessoa no processo de sua própria cura. Também uma pessoa com limitações físicas ou psíquicas foi criada à imagem e semelhança de Deus, e Ele a quer usar no testemunho de seu amor.

A palavra do Evangelho trazido por Jesus Cristo quer ser lida e aplicada em nossa vida. Ela nos mostra como o próprio Cristo vê a pessoa. Os diálogos mostram Cristo vendo e ouvindo a pessoa de forma integral, na realidade em que ela se encontra. Jesus Cristo reconhece os anseios mais vivos de cada pessoa. E as pessoas, nas condições aparentemente normais, não tem sentido ou propósito nenhum? Também não estão aí para dar glória a Deus? Deus usaria apenas dos reconhecidos como inválidos?

Entretanto, deve-se fazer menção especial aos vários relatos de milagres nos quais Jesus diz: “tua fé te salvou”. Isso significa que não é Jesus quem assegura o auxílio aos doentes; antes, a própria fé dos doentes intermedia a salvação. Por conseguinte, a fé é oferecida como uma força que opera milagres, à semelhança do que se viu acima, conforme Hebreus 11.11. A própria fé já significa participação no poder de Deus.

A fé é pressuposto para sentir-se amparado e protegido por Deus. A força é tamanha que não importa o que se faça com a pessoa, mas faz a mesma perceber-se intocável. A fé entra como sinônimo do poder inabalável de Deus, Aquele que cria, acompanha e leva cada um para os melhores lugares, inclusive o céu.

O sermão do monte aponta de forma muito simples para o que buscamos e o que podemos fazer, para as angústias e expectativas tão comuns que a humanidade busca e aspira. São tão comuns e simples que servem para todas as pessoas, sem exceção.

Todos nós vivemos num grande monte com as nossas dores e paixões, à espera de uma palavra de esperança e conciliação, antes conosco e também com o Criador.

Quando sou capaz de suportar minha inquietação interior e a observo com mais atenção, é possível descobrir o que nela se agita. Experimento, então, que ela tem seu sentido. A inquietação gostaria de libertar-me da ilusão de que eu poderia melhorar-me a mim mesmo através da disciplina e que eu poderia assumir-me a mim mesmo. A inquietação acena para a minha fraqueza. Quando eu me reconcilio com ela, ela purifica a alma e dá nova clareza interior. Em meio à minha inquietação eu experimento uma profunda paz. Por conseguinte, a inquietação deve existir. Por fim, ela há de conduzir-me para Deus da mesma maneira como Santo Agostinho experimentou sua inquietação como estímulo para encontrar sua serenidade em Deus.

Aplicar o cuidado e acompanhamento diário é o mínimo que podemos oferecer a cada pessoa nas suas condições mais adversas. Mesmo que o monte onde acontece o sermão seja extenso, mesmo que as horas de inquietação sejam prolongadas, mesmo que a porta seja apertada e o caminho estreito, ainda que a dinâmica do cuidado demore a acontecer, que saibamos orar em nossas inquietações e suportar a dor. E também a todo tempo, mesmo que pareça uma eternidade, pois o cuidado e a presença de Deus são permanentes.

3.3 Diaconia

Nesta direção, interessa saber a origem, sentido, significado e importância da Diaconia. Onde aplicar e a quem ela se dirige?

Seguidamente o termo *diakonos* é entendido como designação para uma tarefa mais relacionada ao serviço nas comunidades cristãs primitivas, que consistia especialmente na ajuda a pessoas necessitadas.

Algo superior ao significado é saber quem pode ser diácono e o que este faz? Se é ministério com ordenação ou voluntário? Os diáconos poderiam estar atuando nas comunidades tantas vezes quanto são citados na Bíblia. E foram várias vezes!

Dierk Starnitzke¹²⁷ informa que no Novo Testamento o termo *diakonos* aparece 27 vezes. A discussão não está na função, mas no trabalho que gera promoção e comunhão. Promoção da pessoa em condições tantas vezes esquecida, ignorada e comunhão no projeto de compartilhar tudo que Dele já recebemos.

Com base na análise das diferentes passagens em que o termo *diakonos* aparece no Novo Testamento, podemos concluir o seguinte:

1) A conhecida tradução do termo *diakonos* por “servo” é possível, tem uma lógica interna, especialmente nos evangelhos. O termo designa, por um lado, alguém que serve a mesa, o que pode incluir perfeitamente a ideia de Collins¹²⁸ no sentido de ir e vir entre os comensais e a cozinha. Por outro lado, o termo designa especialmente uma postura existencial de recolhimento e de dedicação pessoal, que passa a ser o diferencial dos crentes. Na passagem central de Mc 10.45 e seus paralelos, bem como em Jo12.26, fica evidente que essa postura está fundamentada na existência paradoxal de Jesus Cristo e no seguimento a ele. A tese de Collins, que destaca a função mediadora dos *diakonoí*, é pouco sustentável nesse aspecto.

2) Nas cartas do apóstolo Paulo, porém, prevalece o significado básico de mediador, podendo assumir conotações diversas. Por exemplo, mensageiro em relação a Timóteo, Febe e Tíquico; missionário em relação a Paulo, Apolo e Epafras; eventualmente catequista em 1 Tm. Não se trata primordialmente de uma postura de vida, mas da caracterização de uma determinada função no cristianismo primitivo. *Diakonos* designa pessoas concretas que, em primeiro lugar, se locomovem entre diferentes localidades, intermediando entre membros ou comunidades cristãs e que assim, em segundo lugar, fortalecem a fé e anunciam o evangelho. A passagem para a compreensão existencial do termo nos evangelhos representa a reflexão pessoal de Paulo sobre o ser *diakonos* em 2Co 11.

Quanto à ligação com a igreja institucional, deve-se levar em consideração, num primeiro momento, que existe uma compreensão estabelecida sobre diaconia, segundo a qual se entendem as diversas formas de serviço diaconal como “manifestação do ser e do viver da igreja” (Constituição da Igreja Evangélica da Alemanha – EKD, sigla em alemão, Art 15). Com mais detalhes consta ali: “o amor compromete todos os membros da igreja com o serviço que se expressa de maneira

¹²⁷ STARNITZKE, Dierk. *Diaconia: fundamentação bíblica, concretizações éticas*. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013. p. 25.

¹²⁸ COLLINS, John N. *Diakonia: re-interpreting the Ancient sources*. New York: Oxford University Press, 1990.

especial na forma do diaconato da igreja; portanto, as instituições diacônico-missionárias são manifestações do ser e do viver da igreja”.

A expressão, portanto, evidencia que essa afirmação não se restringe à relação entre a igreja e a diaconia, mas que a ligação básica entre ambas manifesta-se principalmente através das pessoas que, sendo membros da igreja, simultaneamente trabalham na diaconia. Por isso, a diaconia é vista na República Federal da Alemanha como um trabalho social eclesialístico. Logo ela está integrada ao direito de autodeterminação da igreja, conforme o art. 140 da constituição Federal, em conexão com o art. 137.3 da Constituição da República de Weimar. Isso vale independentemente da forma legal que cada instituição diaconal adota. Em princípio, essa visão foi confirmada por diversas decisões do Tribunal Constitucional Federal, que entende serviço diaconal como uma determinada expressão de vivência da religião cristã e, por isso, considera diversas regulamentações legais da diaconia sob a tutela da comunidade religiosa.

O amor ao próximo é rotina diaconal, é reciprocidade entre aquele que dá e aquele que recebe. A pessoa que recebe este cuidado se reconhece como próximo, pertencente a alguém, sejam pessoas ou instituições. As pessoas que ajudam também se sentem ajudadas pela comunhão do ir, fazer e servir. Pela alegria de compartilhar dons na qual, pelo Evangelho, são capacitadas para tais ações. A ajuda pode ser direcionada para as necessidades que cada pessoa está vivendo, sem com isso questionar a própria pessoa em sua dignidade e individualidade. Todos em suas necessidades são alvo, que é propósito do sermão do monte.

3.4 Palavra de Deus e Salvação na perspectiva da Diaconia

Como ser e ter a palavra de Deus em cada momento pelo qual estamos passando? Palavra de Deus não serve apenas para momentos bons, de bênçãos. Também nas crises, decepções, dores inaceitáveis, ali também a Palavra de Deus se apresenta, às vezes muda, sem som, mas com força capaz de derrubar muralhas ou mover montanhas.

Mas e a origem, sentido e significado e importância da Diaconia? Onde aplicar e a quem? O termo *diakonos* pode ser entendido para além da designação de uma tarefa apenas de serviço, nas comunidades cristãs primitivas, que consistia especialmente na ajuda a pessoas necessitadas.

Com base na análise das diferentes passagens em que o termo *diakonos* aparece no Novo Testamento, podemos concluir o seguinte: A primeira coisa que se pode fazer perante uma pessoa que sofre é... silenciar. Quem quiser tentar achar uma palavra alentadora e de real conforto, deveria antes ficar calada, em consternação e compadecimento. Paciência e silêncio são necessários para estarmos realmente preparados para ouvir as queixas do sofredor. Aqueles consoladores levianos, que sempre dispõem de muita lábia para conselhos verbosos, apenas aborrecem e fazem com que o aflito sinta-se ainda mais desconsolado. Não ajudam, apenas fazem a pessoa resignar-se, amargurada. Mostram que não têm nenhuma experiência própria do que é sofrer ou receiam ser envolvidos demasiadamente no sofrimento do outro. O pressuposto para uma palavra autêntica de consolo é justamente a disposição de compadecer-se e solidarizar-se a tal ponto com o outro, que suas dores aflijam a nós mesmos. Este escutar compassivo, em muitos casos, já chega a ser, por si mesmo, um auxílio decisivo. Entretanto, esta atitude de silêncio atento ainda não representa a resposta inteira ao sofrimento. Procuremos ir mais fundo, partindo da pergunta de onde vem o sofrimento e onde se encontra auxílio.

Aqui entra a figura do diácono. Como falante ou em silêncio, acompanha, auxilia, fala ou silencia com as pessoas vivendo as alegrias ou suas dores. Cristo chama pessoas para segui-lo. Muitas aceitam este convite. Todas precisam reconhecer que na sua instrução, a seu tempo, fazem parte da vida vocacional, chamado para estarem e atuarem na vida de tantas pessoas. O próprio Cristo diz no evangelho de João (13.5): “Nisto conhecerão que sóis meus amigos, se tiverdes amor uns com os outros”.

Deus não pode fazer tudo, mas faz coisas muito importantes. A fé em Cristo nos coloca ao lado de tantas pessoas, seja na condição de especiais, seja apenas por laços familiares ou amizade. A comunidade cristã, que tem por natureza a comunhão dos santos, oportuniza auxílio e acompanhamento das pessoas na vida diária, seja de forma espontânea ou organizada. A comunidade cristã estimula os primeiros passos para a diaconia.

Pessoalmente, em minha fase inicial de deficiência física, percebo muitos diáconos na comunidade, ambos se preocupando, de alguma forma auxiliando, e de várias maneiras projetando trabalhos, visando auxiliar melhor as pessoas. Fazem isso em qual for o estágio que estejam passando. Com o intuito de ajudar, para a

comunidade melhor reconhecer, abraçar e executar seu ministério (serviço), Deus convoca pessoas com tarefas específicas, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do /seu serviço (Ef. 4.11-12).

É necessário, a partir das experiências que tivemos no mestrado, buscar formas de ampliar a ação diaconal, de maneira saudável e através de ações coletivas, para que cada vez mais pessoas passem a dedicar-se em favor das pessoas que sofrem. Com isso, busca-se resultados em benefícios daqueles que, de alguma forma, tornam-se dependentes, seja de pessoas ou recursos adicionais para o seu ir, vir ou executar algo que parece tranquilo a cada um seja na família, comunidade ou ambiente escolar.

Nesta perspectiva surge o trabalho da inclusão. A inclusão é um desafio não apenas para a comunidade de fé. Precisa ser devidamente enfrentado também pela escola. Isso está relacionado com a melhoria da qualidade da Educação Básica e Superior, pois para que os alunos com e sem deficiência possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que essa escola aprimore suas práticas, para atender as diferenças. Esse aprimoramento é necessário, sob pena de os alunos passarem pela experiência educacional sem tirar dela o proveito desejável, tendo comprometido um tempo, que é valioso e irreversível, em suas vidas: o momento da aprendizagem e do desenvolvimento.

Com o intuito de ajudar, a comunidade deve reconhecer, abraçar e executar seu ministério (serviço diaconal) para com as pessoas com deficiência. Espera-se que as pessoas tenham o devido preparo, profissional e espiritual para idealizar e expressar o que lhe dá vida e identidade. A comunidade deve estar a serviço do Evangelho, que sempre oferece e resgata a vida.

Com este trabalho a promessa do Céu se atualiza e realiza já hoje. Começamos hoje a experimentar com tantos trabalhos que promovem comunhão, partilha e alegria o céu prometido. Também aqui se aplica a perspectiva do já, mas ainda não, aguardado para o futuro, mas já vivenciado por aqueles que se envolvem para promover paz, bem-estar e comunhão no tempo presente. O céu começa aqui.

Ora, o reino de Deus precisa ser “imaginado”. É preciso contar como acontece, quais as suas características, como se concretiza. Daí porque se deve concluir que as parábolas reproduzem algo do próprio Reino, que são uma parte do mesmo, que elas o identificam qual é. Não permitem ser consideradas embalagem permutável para um conteúdo distinto. A forma faz parte da própria mensagem. A

alegria daquela mulher que convida as vizinhas para festejar o achado da dracma perdida é típica para o Reino de Deus (Lc 15.8). Em tal alegria, ele se antecipa.

O reino de Deus é o céu já conquistado, mas ainda não em sua plenitude. Esta é a interpretação correta. Na fé em Cristo este Reino já está consumado, mas em nossa resposta a este amor incondicional ainda não o temos. Sejamos sempre imitadores de Jesus Cristo ali onde estivermos.

CONCLUSÃO

Em virtude do que foi proposto, conclui-se que o céu, a partir de Mateus 7.13-23, visa apresentar o conteúdo da fé, da vivência comunitária e das ações diaconais como expressão de fé em comunidade.

Conhecendo o conteúdo do Grande Sermão do Monte, dos acréscimos até o capítulo sete, versículos vinte e três, e sabendo de seu conteúdo, a aceitação incondicional por graça e fé nos desafia a acolhermos as pessoas independente da situação na qual elas estão vivendo.

A Salvação sem a Liberdade não permite a nós nos identificarmos como pessoa em situação de fé. Vivemos na expressão da fé, portanto, salvos na identidade de Cristo. Independentemente de quem recebe a boa notícia de salvação, em liberdade se encaminha a paz, tranquilidade, esperança e a certeza de que não estamos sozinhos. Em liberdade anunciamos as promessas que sempre se renovam pela fé.

Crer em Cristo nos torna discípulos, não só hoje, mas em permanente exercício da fé. Vocacionados em Cristo, expressamos o amor que por graça já recebemos. A vida cristã, gestos de diaconia, refletem a forma como diariamente direcionamos nossa vida, as escolhas que fazemos e o amor que nos identifica, conforme João 13.5: “Nisto conhecerão que sois meus amigos, se tiverdes amor uns com os outros”.

O céu começa em nós, seja nas palavras ou nos gestos que expressam a nossa fé diariamente. Buscamos diariamente a eliminação de barreiras físicas, queremos eliminar toda e qualquer barreira que nos impeçam de experimentar pedacinhos do céu anunciado por Cristo.

Vivemos o céu já mas ainda não, não porque não queremos, mas porque vários preconceitos em forma de barreiras impedem a acessibilidade de todos aqueles que pelo Evangelho são chamados. Acessibilidade atitudinal motivará para que acabemos com preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações em relação às pessoas em geral, de qualquer país, etnia ou grupo social.

Direcionada ao céu como nos convence o Evangelho, entendemos como cada pessoa na sua forma de ver e interpretar o mundo, busca e intercede a Deus pelo céu prometido que aqui começa a ser estampado, descrito como dádiva,

bênção incondicional para todos que os que creem. Em Mateus 10.40 o próprio Cristo diz: “Quem vos acolhe, acolhe a mim, e quem me acolhe, acolhe aquele que me enviou”.

O papel da igreja está em promover cooperação, reunir pessoas, formar grupos de acolhida, mas também cuidados com a espiritualidade que traz liberdade e compromisso com a promessa de Deus. Igreja reunida deve implementar a promessa do reino onde quer que as pessoas estejam.

A Comunidade Cristã, a partir do evangelho, é convidada a pensar em como está incluindo as pessoas com deficiência, por exemplo: quando se discute a deficiência da outra pessoa, sem que ela mesma seja agente de mudança, sem sua presença, com seus desejos de mudança, com o reconhecimento de sua capacidade de contribuir para a vida da igreja, não estamos sendo inclusivos.

A comunidade cristã deve ser e viver hoje a igreja e o reino que vislumbramos para o amanhã, tornar possível aqui o reino maravilhoso anunciado pela palavra do próprio Cristo. Importa não esperar por este dia fantástico, mas transformar o reino prometido numa realidade abundante.

REFERÊNCIAS

- BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. *Nova versão internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblia Internacional, 2003.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- BLOMBERG, Craig. *Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- BONNARD, Pierre. *Evangelio segun san Mateo*. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 1983.
- BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O segredo do Milagre: uma perspectiva bíblico-teológica*. São Leopoldo: 2012.
- BROWN, C. arpazw. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 162.
- BROWN, C. yeudoprofhthj. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1883.
- BROWN, Raymond Edward. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CARAGOUNIS, C. C. Reino de Deus I: Evangelhos. In: REID, Daniel G. (org.). *Dicionário teológico do Novo Testamento: compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012. p. 1171-1172.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

CHAMPLIN, Russell Norman. Mateus. In: CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995. v. 1, p. 336.

COLLINS, John N. *Diakonia: re-interpreting the Ancient sources*. New York: Oxford University Press, 1990.

DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to Saint Matthew*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1988. v. 1, p. 701.

DIFERENÇAS ENTRE IGREJAS Pentecostal, Neopentecostal, Carismático e restauracionismo. Disponível em: <<http://www.pecadorconfesso.com/2013/04/diferenca-entre-igrejas-pentecostal.html>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

EBEL, G. ódoj. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.

EUSÉBIO. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999.

EVANS, Craig A. *Matthew: New Cambridge Bible Commentary*. Cambridge University Press: New York, NY, 2012.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2007.

HELMER, Christine. *Lutero, um teólogo para tempos modernos*. São Leopoldo: Ed Sinodal 2013.

HENDRIKSEN, William. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 1.

HILL, D. pu| h, pi | wñ. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.

HILL, David. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids Eerdmans, 1981.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 144-164.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulinas, 1977.

KUSHNER, Harold S. *Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas*. São Paulo: Ed Nobel, 1988

LADD, George E. *O evangelho do reino: estudos bíblicos sobre o reino*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1985.

LADD, George E. *The presence of the future*. ed. rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

- LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 151. Cf. KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulinas, 1982.
- LOUW, J. P.; NIDA, Eugene A. *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- LUTERO, Martim. *Da liberdade Cristã*. trad. de Walter Altmann, 9. ed. São Leopoldo: 2016.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo*. Salamanca: Sígueme, 1993. v. 1.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. *Revista USP*, n. 74, p. 160-173, 2007.
- MOUNCE, Robert H. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Mateus*. São Paulo: Vida, 1996.
- MUELLER, Enio R. *Teologia Cristã: em poucas palavras*. São Paulo: Editora Teológica, 2009.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *Novum Testamentum Graece*. 28. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de 'O Novo Testamento Grego'*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos à luz do Novo Testamento grego*. São Paulo: CPAD, 2011.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulus, 2003.
- SALDARINI, Anthony J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 176-181.
- SCHMID, Josef. *El Evangelio Según San Mateo*. Barcelona: Editorial Herder, 1973.
- TASKER, R. V. G. *Evangelho segundo Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1980. p. 65-66; LUZ, 1993, v. 1.
- TURNER, David. *Matthew*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.
- VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2005.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: Paulus, 2005.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *basileia*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2000. v. 2.

ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao sermão da montanha (Mt 5-7)*. São Paulo: Paulinas, 2008.